

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO:  
UM ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SANTA MARIA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Liliane Gontan Timm Della Mía**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

# **A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

**Liliane Gontan Timm Della Mía**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Gestão das Organizações Públicas Administração**

**Orientador: Prof. Dr. Vitor Francisco Schuch Junior**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DELLA MÉA, Liliane Gontan Timm

A Internacionalização da Pós-Graduação: Um Estudo de caso da Universidade Federal de Santa Maria / Liliane Gontan Timm DELLA MÉA.-2013.

91 f.; 30cm

Orientadora: Vitor Francisco SCHUCH JUNIOR

Coorientadores: Adriana Moreira da Rocha MACIEL,  
Lúcia Rejane da Rosa Gama MADRUGA

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Administração, RS, 2013

1. Internacionalização da Pós-Graduação 2. Avaliação da Pós-Graduação 3. Pós-Graduação no Brasil I. SCHUCH JUNIOR, Vitor Francisco II. MACIEL, Adriana Moreira da Rocha III. MADRUGA, Lúcia Rejane da Rosa Gama IV. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Administração**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado**

**A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO: UM ESTUDO  
DE CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

elaborada por  
**Liliane Gontan Timm Della Méa**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Gestão das Organizações Públicas**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Vitor Francisco Schuch Junior, Dr.**  
(Presidente/Orientador)

**Adriana da Rocha Moreira Maciel, Dra. (UFSM)**

**Lúcia Rejane da Rosa Gama Madruga, Dra. (UFSM)**

Santa Maria, 18 de junho de 2013.

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer aos Professores Felipe Martins Müller e Dalvan José Reinert, Reitor e Vice-Reitor da Universidade Federal de Santa Maria, respectivamente, que proporcionaram a implantação do Mestrado Profissional em Gestão das Organizações Públicas, com vistas à capacitação e qualificação dos servidores técnico-administrativos.

Agradeço, ainda, ao Programa de Pós-Graduação em Administração, bem como a seus Professores, que promoveram e executaram este Curso de Mestrado.

Ao Professor Ney Luis Pippi, Assessor de Relações Internacionais da UFSM, pelo incentivo, e a toda Equipe da Secretaria de Apoio Internacional (SAI) pela ajuda e força.

Ao meu orientador, Professor Vitor Francisco Schuch Junior pela paciência, pela dedicação, pela liberdade e pela confiança referente ao presente trabalho, além da amizade e do apoio.

À Professora Adriana Moreira da Rocha pelo despertar de novos desafios e amizade.

Aos meus familiares, que sempre me deram carinho, força e suporte incondicional.

Por fim, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação.

Resposta certa, não importa nada: o essencial é que as perguntas estejam certas.

(Mário Quintana)

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Administração  
Universidade Federal de Santa Maria

### **A INTERNACIONALIZAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

AUTORA: LILIANE GONTAN TIMM DELLA MÉA

ORIENTADOR: VITOR FRANCISCO SCHUCH JUNIOR

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 18 de junho de 2013.

Este estudo está fundamentado nas origens da Educação Superior no Brasil, destacando a sua expansão e regulação para situar o surgimento da Pós-Graduação e de sua avaliação pela CAPES. No contexto da busca por qualificação, este estudo aborda o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) e o Sistema da Avaliação da Pós-Graduação Brasileira, desenvolvido pela CAPES, nos quais a internacionalização aparece como referência máxima de qualificação. Com base neste fundamento, a demanda por internacionalização pode ser considerada como sendo o mais forte impacto na conceituação de programas de pós-graduação. O estudo ainda objetiva identificar a demanda por internacionalização nos programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), avaliados pela CAPES com conceitos iguais ou superiores a cinco. O foco do estudo foram os cursos de doutorados. Utilizou-se o método de estudo de caso qualitativo, analisando os documentos de área, a ficha de avaliação e a autoavaliação dos cursos, bem como as percepções dos coordenadores/gestores no tocante à internacionalização. Os resultados identificam a grande preocupação dos programas em serem internacionalizados, por meio do desenvolvimento de sua excelência no fortalecimento de parceiras internacionais, intercâmbios, capacitação do corpo docente em pós-doutoramento, capacitação do corpo discente em estágios de curta duração no exterior e, principalmente, no aumento das publicações internacionais. Pretende-se fornecer subsídios à tomada de decisões por parte dos gestores para a manutenção, o aperfeiçoamento e o fortalecimento da UFSM e de seus cursos de pós-graduação.

**Palavras-chave:** Internacionalização. Pós-Graduação. Avaliação Pós-Graduação. Pós-Graduação no Brasil.

## **ABSTRACT**

Master's Degree Dissertation  
Graduate Program in Business  
Federal University of Santa Maria

### **THE INTERNATIONALIZATION OF POST GRADUATION: A CASE STUDY OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF SANTA MARIA**

AUTHOR: LILIANE GONTAN TIMM DELLA MÉA

ADVISOR: VITOR FRANCISCO SCHUCH JUNIOR

Date and defense location: Santa Maria, June, 18 of 2013.

This study is based in the origins of Higher Education in Brazil, highlighting its expansion and regulation in order to situate the rise of the Post Graduation and its evaluation made by the agency CAPES. In the context of pursuing qualification, it's addressed the National Evaluation System of Higher Education (SINAES) and the Evaluation System of Brazilian Post Graduation, developed by CAPES, in which the internationalization is mentioned as a qualification benchmark. Based in these elements, the demand for internationalization can be considered as one of the most meaningful impact in the evaluation of Post Graduation Program. This study aims to identify the demand for internationalization in the Post Graduation Programs of UFSM, graded 5 or above by CAPES. The focus of the study was the Doctoral Courses. The qualitative method of case study was used and the documents of the area, the evaluation form, the self-evaluation and the interviews conducted with the Coordinators/Managers regarding internationalization were analyzed. The results identified that there is a great concern in the Programs in becoming internationalized, through the development of its excellence in the strengthening of international partnerships, exchange programs, qualification for its faculty with post doctoral courses and short term internships abroad and especially in the increasing of its international publications. It is intended to provide subsidies to the decision making for maintenance, perfecting and strengthening of the institution and its Post Graduation Courses.

**Key-words:** Internationalization. Post Graduation. Post Graduation Evaluation. Post Graduation in Brazil.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL.....</b>	<b>14</b>
2.1 A Educação Superior no Brasil.....	14
2.2 Sistema de Avaliação da Pós-Graduação da CAPES.....	18
2.3 Internacionalização .....	20
<b>3 CONTEXTO DO ESTUDO .....</b>	<b>25</b>
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>29</b>
4.1 O tipo de pesquisa e a metodologia utilizada.....	29
4.2 A coleta e o tratamento de dados.....	32
4.3 Aspectos Éticos .....	34
<b>5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>35</b>
5.1 Análise dos documentos de área .....	35
5.2 Autoavaliação .....	44
5.3 Fichas de avaliação – triênio 2007-2009/2010.....	57
5.4 Entrevistas .....	61
<b>6 CONCLUSÕES.....</b>	<b>71</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>76</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) tornou-se um grande desafio para todos que as compõem e acompanham o seu crescimento. Deste desafio são geradas diversas expectativas e metas para acompanhar as IES no seu desenvolvimento e na aplicação da internacionalização, não só por parte da academia, mas também por parte de seus gestores. A internacionalização universitária representa o despertar de uma consciência para um novo perfil profissional necessário para atuar em um mundo que está em rápida transformação e que exige, dos profissionais postura crítica aliada à desenvoltura internacional (MORHY, 2005).

A internacionalização envolve diferentes abordagens e inúmeros questionamentos. Entretanto, neste estudo, a internacionalização é entendida como:

[..] o processo de inclusão das dimensões do global, do internacional e do intercultural nos currículos, no processo ensino/aprendizagem, na pesquisa, na extensão e na cultura organizacional da universidade com o objetivo de proporcionar a sua comunidade uma diversidade de conceitos, ideologias e princípios gerenciais contemporâneos sem, contudo, perder de vista suas origens e suas motivações próprias (PEDROZO, 2009).

Segundo essa definição de internacionalização, o maior objetivo das IES ao serem internacionalizadas está pautado na diversidade de conceitos, ideologias e culturas; fortalecendo o ensino, a pesquisa, a extensão, a gestão e a estrutura organizacional; contribuindo com a qualificação de seus técnicos, docentes e discentes e ampliando a produção de conhecimento e a sua difusão e inserção na comunidade internacional.

O interesse na temática da demanda da internacionalização, por meio dos programas de pós-graduação, está relacionado à crescente procura por capacitação e experiência exteriores ao corpo discente, docente e técnico das IES. Ainda, esta temática relaciona-se à efervescência denotada na busca por políticas e estratégias que as IES têm exigido para se manterem e se fortalecerem no cenário nacional e internacional.

Em função da relevância do tema aqui destacado, foi formulado a questão de pesquisa que norteou este estudo: verificar como se configura a demanda por

internacionalização dos programas de pós-graduação avaliados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>1</sup> e a autoavaliação realizada pelos cursos vinculados a esses programas?

Cada universidade busca propostas de políticas que atendam às necessidades prementes e a sua busca pela excelência do ensino superior, não apenas sob a perspectiva da graduação, mas, e principalmente, pelo fortalecimento da pós-graduação.

Esta pesquisa é um estudo de caso qualitativo, realizado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), uma Instituição Federal de Ensino Superior constituída como Autarquia Especial vinculada ao Ministério da Educação (MEC). A UFSM está localizada no interior do Rio Grande do Sul, Brasil, e foi criada pela Lei nº 3.834-C, de 14 de dezembro de 1960. Esta instituição foi escolhida como contexto da pesquisa por ser a maior universidade do interior do Rio Grande do Sul e por ter um importante papel no desenvolvimento acadêmico de sua comunidade regional, nacional e internacional, tendo, na origem dos seus programas de pós-graduação, uma proposta de internacionalização, conforme será posteriormente detalhado. Também foi escolhida por traçar políticas que vêm ao encontro da internacionalização de seus programas de pós-graduação contribuindo com seu fortalecimento e crescimento.

Em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI 2011/2015), a UFSM estabeleceu três objetivos principais para o fortalecimento e desenvolvimento da pós-graduação. Dentre eles, destaca-se o de incrementar e qualificar a pós-graduação (mestrado e doutorado) na instituição, a partir de 2013.

Nesse contexto, este estudo tem por objetivo geral identificar a demanda por internacionalização nos cursos de pós-graduação da UFSM, focando nos programas de pós-graduação, em nível de doutorado, com conceitos iguais ou superiores a cinco, avaliados pela CAPES, tendo em vista potencial para internacionalização destes cursos.

Como objetivos específicos, este estudo visa:

---

<sup>1</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): Agência de fomento que visa a melhoria da pós-graduação brasileira, através de avaliação, divulgação, formação de recursos e promoção da cooperação científica internacional.

- identificar como a política educacional do Brasil considera a internacionalização em termos dos documentos de área da CAPES;
- identificar como os programas de pós-graduação da UFSM autoavaliam-se;
- verificar como são avaliados, externamente à UFSM, os programas de pós-graduação da UFSM sob a ótica da Internacionalização;
- compreender a perspectiva dos seus gestores quanto à internacionalização dos doutorados.

O estudo está centrado na avaliação do triênio 2007-2009, resultado de 2010, da CAPES e envolve quatro dimensões de pesquisa (análise dos documentos de áreas, das fichas de avaliações da CAPES, das autoavaliações dos cursos e das entrevistas), nas quais se identificaram as referências no tocante à internacionalização da análise dos documentos de áreas, das fichas de avaliação de cada curso de doutorado avaliado, das autoavaliações realizados pelos próprios programas de pós-graduação e, por fim, das entrevistas realizadas com os coordenadores e ex-coordenadores dos cursos de pós-graduação.

Em seus fundamentos, o estudo buscou as origens da Educação Superior no Brasil, destacando a sua expansão e regulação, a fim de situar o surgimento da pós-graduação e suas avaliações pela CAPES. No contexto da busca por qualificação, o estudo aborda o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), bem como o Sistema da Avaliação da Pós-Graduação Brasileira, desenvolvido pela CAPES, nos quais a internacionalização aparece como referência máxima de qualificação. Com base neste fundamento, a demanda por internacionalização pode ser considerada como o fator de maior impacto na conceituação de um programa de pós-graduação. Sua avaliação foi o foco deste estudo.

Espera-se, com este estudo, fornecer subsídios à tomada de decisões por parte dos gestores para a manutenção e o aperfeiçoamento dos programas já consolidados e o desenvolvimento dos emergentes na UFSM. Pretende-se, também, demonstrar como uma metodologia de autoavaliação pode contribuir para o desenvolvimento de instituições que buscam qualificação.

No intuito de alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa foi dividida em outras seis seções, além da introdução. A segunda seção contém aspectos teórico-conceituais acerca da Educação Superior no Brasil, o sistema de avaliação da pós-

graduação da CAPES e a internacionalização. Nesse mesmo sentido, a seção três apresenta o contexto do estudo. Na quarta, são abordados os procedimentos metodológicos que foram utilizados para o desenvolvimento do estudo. A quinta seção apresenta o cronograma de execução da pesquisa, e, por fim, na sexta seção, constam as referências bibliográficas utilizadas no desenvolvimento deste trabalho.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-CONCEITUAL**

Estudar a internacionalização de programas de pós-graduação exige situar a questão na evolução da Educação Superior no Brasil, buscando sua regulamentação e avaliação para, então, abordar o sistema de avaliação da pós-graduação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), como sistema de credenciamento, manutenção e fortalecimento dos cursos de pós-graduação. A partir disso, o estudo aborda a internacionalização como critério de avaliação da pós-graduação e como desafio das Instituições de Ensino Superior (IES).

### **2.1 A Educação Superior no Brasil**

A Educação Superior, no Brasil, surgiu tardiamente, em 1812, somente após alguns anos da vinda da Família Real Portuguesa. No entanto, a Educação Superior não se configurava como instituição universitária. Foram faculdades isoladas, orientadas precipuamente para formação profissionalizante, descomprometida com a produção e disseminação do conhecimento necessário para o desenvolvimento autônomo da nação. Tais faculdades foram criadas, inicialmente, para atender à burocracia do Estado, localizando-se nas poucas áreas que havia na época, para formar advogados, médicos e engenheiros (SCHUCH, 1998).

Em 1920, pelo Decreto nº 14.343, foi instituída a primeira Universidade Brasileira, a Universidade do Rio Janeiro, mediante reunião da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Essa universidade era elitizada e visava a conservação da orientação profissional de seus cursos e da autonomia das faculdades.

Aos poucos, outras áreas profissionais foram criadas, sempre fora de universidades. No entanto, ainda não existia um projeto de lei nem uma legislação à altura da importância e da demanda de educação universitária para o desenvolvimento no país. Marcada pelo atraso e pelo descaso dos governantes, foi a partir dos anos 90 que se configurou uma nova fase da evolução da Educação

Superior, caracterizada como fase de expansão e regulação. Concomitantemente com a Expansão, que contribuiu para tirar o Brasil dos últimos lugares dentre os países da América Latina em termos de taxa de escolaridade superior, através de esforços de regulação procurou-se dotar o país de um conjunto de leis e sistemas compatíveis com o seu crescimento quantitativo, dentro de um padrão mínimo aceitável de qualidade (SCHUCH, 1998).

O esforço de regulação, que marcou essa última fase, foi criado, em 1996, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9394/96, que abriu caminho para uma legislação específica e instruiu o governo para atender as suas exigências. Segundo Oliven (2002), a LDB introduziu o processo regular e sistemático de avaliação dos cursos de graduação e das próprias IES, condicionando seus respectivos credenciamentos e reconhecimentos ao desempenho mensurado por essa avaliação. Esse esforço teve seu coroamento com a Lei nº 1086/04, de 14 de abril de 2004, criando o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). Neste sistema é realizada a construção da avaliação emancipatória, numa proposta de desenvolver uma avaliação formativa e que considere as especificidades das IES do país (FELIX, 2008; FONSECA, 2007).

A busca por qualificação da Educação Superior brasileira teve o seu maior impulso com a criação do SINAES, que, por ser um sistema, tratou de articular os esforços e instrumentos que vinham sendo desenvolvidos para avaliar o a graduação no Ensino Superior e suas instituições. A operacionalização do SINAES ficou a cargo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (INEP). Para dar conta da avaliação que lhe foi atribuída, o INEP criou estruturas e desenvolveu sistemas, buscando, para tanto, a integração com os demais órgãos incumbidos das funções de regulação e supervisão, em especial com as secretarias do Ministério da Educação (MEC), a Secretaria de Educação Superior (SESu), a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), a Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior (SERES), o Conselho Nacional de Educação (CNE) e os Conselhos de Educação dos Estados. Esse esforço de desenvolvimento da avaliação lutou para que lacunas e inconsistências, em diferentes âmbitos e níveis, fossem analisadas. O resultado foi um conjunto normativo e seus respectivos sistemas de operacionalização que, apesar das

lacunas e inconsistências, garantem que a avaliação ainda seja o principal fator de qualificação da Educação Superior no Brasil (FELIX, 2008; FONSECA, 2007).

Dotar o país de uma Educação Superior com os padrões de qualidade que seu desenvolvimento está a exigir é o grande desafio do Brasil. Para tanto, a avaliação passa a ter um papel preponderante. O presidente da CAPES, o professor Jorge Guimarães, discutindo o papel da universidade no desenvolvimento nacional, afirma que “quaisquer que sejam os desdobramentos da reforma, não se pode abrir mão da qualidade. E para haver qualidade é necessário haver avaliação” (GUIMARÃES, 2010, p. 25). Segundo Guimarães (2010), o principal critério com o qual a CAPES lida e que deu, ao seu sistema de avaliação da pós-graduação no Brasil, credibilidade internacional é a qualidade (CAPES, 2010).

Um dos desafios para a qualificação da Educação Superior no Brasil, com o crescimento da exigência de capacitação dos docentes para ingressar no Ensino Superior, principalmente a partir da década de 90, passou a ser o ingresso de docentes nas IES. Esses profissionais deveriam, além de ter formação superior nas diferentes áreas em que se diversificou e proliferou o sistema, comprometidos com a produção e disseminação do conhecimento necessário ao desenvolvimento da nação. Tal desafio foi assumido pela CAPES, e, para tanto, “o sistema de pós-graduação foi implantado a partir dos anos 70, tendo por arcabouço jurídico a Reforma Universitária de 1968, por modelo a universidade americana (cursos estruturados) e por missão a formação de professores e pesquisadores” (BRASIL, 2010b).

A Avaliação se consolidou como uma atividade fundamental para a garantia e manutenção da pós-graduação no Brasil. Essa atividade vem se aperfeiçoando para orientar a evolução da pós-graduação e de cada curso em particular, antepondo-lhe metas e desafios que têm resultado em avanços da ciência, da tecnologia e da inovação no País (BRASIL, 2010c).

Destaca-se que, nos anos 70, concomitante com a implantação do sistema de avaliação da pós-graduação, a UFSM teve um esforço pioneiro de internacionalização com a iniciativa da criação do primeiro Curso de Pós-Graduação da América Latina, sediado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), em acordo com o Departamento de Assuntos Educativos da Organização dos Estados Americanos (OEA), destinado aos especialistas de Educação da América do Sul, América Central e América do Norte (GUTIERRES, 2001).

No período de 2004 a 2010, o aumento dos programas de pós-graduação aprovados e avaliados pela CAPES, com foco nos doutorados, foi de 204 para 366 cursos.

Durante todo esse período, que dura há apenas 40 anos, a ênfase das políticas dos governos federais foi promover a expansão do sistema; ao passo que a ênfase da CAPES, responsável ao mesmo tempo pelo financiamento do sistema e pela avaliação do desempenho das universidades coligadas, recaiu sobre a combinação de parâmetros acadêmicos (produção de livros e *papers*, dissertações e teses de teor acadêmico, etc.) e critérios quantitativos (BRASIL, 2010b).

A Educação Superior no Brasil iniciou tardiamente e seu grande ápice de evolução e expansão ocorreu nos anos 90. O processo da busca por qualidade das atividades universitárias, ensino, pesquisa e extensão, é um dos fatores preponderantes para a estruturação e o fortalecimento das IES. Assim, no caso da pós-graduação, a CAPES implantou o sistema de avaliação buscando a credibilidade, o fortalecimento e a qualidade da pós-graduação.

A CAPES tem sido decisiva para os êxitos alcançados pelo sistema nacional de pós-graduação, tanto no que diz respeito à consolidação do quadro atual, como na construção das mudanças que o avanço do conhecimento e as demandas da sociedade exigem. (CAPES, [s.d.]

A seguir apresenta-se um quadro cronológico na evolução da Educação Superior no Brasil (Tabela 1).

Tabela 1 – Resumo – Educação Superior no Brasil

(continua)

A EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL	
Origem	
1812	Faculdades isoladas
1920	Criação da Universidade do Rio de Janeiro
1981	65 Universidades
Anos 90	Expansão e Regulação
Expansão	
1968	Reforma Universitária: Lei nº 5.540/68 – Fixou normas de organização e funcionamento do Ensino Superior.
1996	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Introduziu o processo

Tabela 2 – Resumo – Educação Superior no Brasil

(conclusão)

	regular e sistemático de avaliação dos cursos de graduação de Ensino Superior, condicionando seus respectivos credenciamentos e recredenciamento ao desempenho mensurado por essa avaliação.
2004	Sistema Nacional de Avaliação Superior (SINAES): Lei nº 1086/04 – Objetivava a melhoria da qualidade da Educação Superior, a orientação da expansão da sua oferta, o aumento permanente da sua eficácia institucional e efetividade acadêmica e social e, especialmente, a promoção do aprofundamento dos compromissos e responsabilidades sociais das instituições de Educação Superior, por meio da valorização de sua missão pública, da promoção de valores democráticos, do respeito à diferença e à diversidade, da afirmação da autonomia e da identidade institucional.

Fonte: Elaborado pela Autora (2013).

## 2.2 Sistema de Avaliação da Pós-Graduação da CAPES

A avaliação da pós-graduação teve a sua primeira iniciativa no Parecer Conselho Federal de Educação 977/65, em que passou a atribuir conceitos às avaliações dos cursos de pós-graduação. No entanto, segundo Balbachevsky (2005, p. 285-314), “faltava ao conselho mecanismos adequados e agilidade para acompanhar a explosão de novos programas que se multiplicavam”. Em 1973, o MEC criou o Conselho Nacional de Pós-Graduação (CNPq), órgão interministerial responsável pela política geral da pós-graduação. Em 1975, as principais agências de financiamento da pós-graduação passaram a ser integradas por esse órgão, entre elas, a CAPES e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). No CNPG, diversos Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG) foram elaborados, e passaram a dirigir a consolidação e institucionalização da pós-graduação no Brasil, estabelecendo metas e ações para concretizar seus objetivos. No II PNPG, o processo de avaliação da pós-graduação consolida-se sob a coordenação da CAPES. Este sistema de avaliação, implantado em 1976, permitiu que a CAPES assumisse, gradativamente, a condução da política nacional de pós-graduação.

A CAPES vem aprimorando seu processo de avaliação ao longo dos anos. Houve um grande avanço desde a informatização ocorrida em meados da década de 1990. A partir de 1997, o processo de avaliação passou a atribuir escala

numérica de um a sete aos cursos de pós-graduação, atribuindo o conceitos seis e sete aos cursos de padrão internacional.

Nas últimas décadas, dois sistemas de avaliação foram criados. No período de 1967-1997, vigorou na classificação a escala conceitual alfabética de A a E, sendo considerados cursos de padrão internacional aqueles contemplados com o conceito A. A partir de 1997, passou a vigorar a escala numérica de 1 a 7; sendo considerados cursos de padrão internacional aqueles classificados com os conceitos 6 e 7, os cursos 7 ocupando o topo do sistema. Quando foi implantada a escala numérica, a CAPES adotou a sistemática de ratificar os cursos 7, mediante pareceres de consultores internacionais. Este expediente, sem dúvida importante, não foi renovado nas avaliações trianuais subseqüentes (BRASIL, 2010b).

A base dos principais avanços ocorridos no sistema de avaliação entre 2004 e 2010 foi a Avaliação de Novas Propostas e a Avaliação Triannual. As novas propostas de cursos novos foram analisadas com base no comprometimento institucional, na competência técnico-científica, na infraestrutura adequada e compatível com as exigências da pós-graduação e qualificação do Corpo Docente. Uma vez aprovada a proposta, um curso passa a integrar o Sistema de Avaliação de Pós-Graduação e a ser sistematicamente acompanhado e avaliado pela CAPES. Na Avaliação Triannual, o processo de avaliação ocorre segundo as informações fornecidas pelos programas de pós-graduação e com base nos critérios pré-estabelecidos. As comissões de especialistas analisam o desempenho do curso de pós-graduação e atribuem notas dentro da escala de um a sete. Nesse contexto, o objetivo principal do PNPG 2005-2010 foi o crescimento equânime do sistema nacional de pós-graduação, com o propósito de atender com qualidade às diversas demandas da sociedade, visando o desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e social do Brasil. Esse PNPG teve, ainda, como objetivo, subsidiar a formulação e a implementação de políticas públicas voltadas para as áreas de educação, ciência e tecnologia (BRASIL, 2010b).

A avaliação dos programas de pós-graduação é realizada em dois momentos. O primeiro é o acompanhamento anual, que é realizado por meio de um sistema informatizado de coleta de dados e alimentado pelos gestores dos programas de pós-graduação. As informações coletadas ao longo do ano serão fundamentais e decisivas para a avaliação triannual. A avaliação triannual é o resultado, obtido a partir das fichas de avaliação, do desempenho dos programas de pós-graduação

subsidiados pelas informações anuais, ao longo de três anos, prestadas pelos programas.

Um dos maiores desafios enfrentados pelos programas de pós-graduação é a busca por internacionalização. Ser internacionalizado não significa somente se equiparar aos Centros de Excelência, é, também, um dos componentes principais para obtenção do conceito máximo da avaliação da CAPES.

Em seguida, segue a tabela 2, que apresenta um quadro evolutivo do sistema de avaliação da CAPES, conforme acima apresentado.

Tabela 3- Quadro evolutivo do Sistema de Avaliação da CAPES.

SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA CAPES	
Ano	Proposta
1965	Avaliação da Pós-Graduação: – Parecer do Conselho Federal de Educação 977/65; – Reconhecimento e avaliação da Pós-Graduação.
1973	Conselho Nacional de Pós-Graduação (CNPq): – Responsável pela Política Geral da Pós-Graduação; – Planos Nacionais de Pós-Graduação (PNPG).
1975	Integração de agências de fomento – Principais: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)
1976	Implantação do Sistema de Avaliação da Pós-Graduação: – Coordenação da CAPES; – Avaliação: Anual – trianual.

Fonte: Elaborado pela Autora (2013).

### 2.3 Internacionalização

Muitos autores buscam definir a Internacionalização da Educação Superior, seja definindo-a como um processo amplo construído pelas universidades, seja definindo-a como estratégia da globalização. Para Morosini (2006, p. 115), a internacionalização da Educação Superior:

[...] é um conceito complexo, com uma diversidade de termos relacionados apresentando diversas fases de desenvolvimento. São citadas: a) *dimensão internacional* – presente no século XX, que caracterizava por ser uma fase incidental mais do que organizada; b) *educação internacional*: atividade

organizada prevalente nos Estados Unidos, entre a segunda guerra mundial e o término da guerra fria, preferentemente por razões políticas e de segurança nacional; e c) *internacionalização da Educação Superior*, posterior à guerra fria e com características de um processo estratégico ligado à globalização e à regionalização das sociedades e seu impacto na educação superior”.

Para este estudo, utilizou-se a temática da internacionalização como um processo construído pelas IES. Para Stallivieri (2004), a temática da internacionalização e seu processo estão presentes desde a Idade Média, com a criação das primeiras escolas europeias. A formação dessas escolas, chamadas *universitas*, contava com professores e estudantes de diferentes regiões e países, apresentando, em sua constituição, comunidades internacionais, que se reuniam em busca de conhecimento.

O processo de internacionalização da Educação Superior recebe influências do mundo inteiro, como se pode perceber através da Declaração de Bologna, que objetiva uma educação superior coerente, compatível e atrativa para estudantes europeus e de outros países (BATISTA, 2009), e da década de 70, em que foram estabelecidos programas nacionais com a finalidade de apoiar atividades de pesquisa para estudantes de pós-graduação no exterior, especialmente projetos de pesquisa conjunta (LAUS; MOROSINI, 2005).

Verifica-se que o processo de internacionalização da Educação Superior é uma realidade premente. Em particular, a dimensão internacional dos sistemas do Ensino Superior está aprofundando-se cada dia mais, tornando-se um lugar estratégico e central de políticas educativas institucionais e provocando, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de políticas e programáticas mais sólidas e eficientes nas Instituições de Ensino Superior (IES). O mundo globaliza-se, ou seja, internacionaliza-se a cada dia que passa, e o ensino superior é parte fundamental desse processo.

Conforme os padrões estabelecidos pela avaliação da pós-graduação no Brasil, é atingir o padrão internacional que classifica um curso entre os mais altos níveis de qualificação. Atingir a classificação de nível seis ou sete implica que o curso já tenha atingido padrão internacional. A busca por excelência impõe a internacionalização a todos os cursos de pós-graduação. Um curso já classificado como de nível cinco dependerá da internacionalização para buscar nível mais alto de qualificação.

A internacionalização, assim, é de extrema importância para as IES, não só pela busca por tornarem-se centros de excelência, como, também, pela sua própria inserção na comunidade internacional.

A internacionalização está provando ser uma ferramenta útil para ajudar as instituições a fixar pontos de referência e sair com soluções inovadoras em relação à gerência, a academia e à investigação. Esta segue sendo outra forma em que a internacionalização pode ajudar a fortalecer a qualidade das instituições de educação superior e as funções primordiais do ensino, da aprendizagem e do serviço (KNIGHT, 2004).

A internacionalização não é apenas uma preocupação do Governo Brasileiro, também se tornou uma política de desenvolvimento consubstanciada nos planos de governo. O PNPG 2011-2020 estabelece, dentre suas recomendações, que:

Na ampliação dos cursos e atividades da pós-graduação deve ser levada em consideração a busca da excelência e de conhecimentos novos e deve ser evitada a endogenia. Uma forma para atingir tais objetivos é a interação mais intensa entre instituições brasileiras e internacionais. Essa interação, além de promover o crescimento da ciência, aumentará o protagonismo do país no cenário internacional. Sugere-se então:

- o envio de mais estudantes ao exterior para fazerem doutorado, em vista da dinamização do sistema e da captação do conhecimento novo;
- o estímulo à atração de mais alunos e pesquisadores visitantes estrangeiros;
- o aumento do número de publicações com instituições estrangeiras (BRASIL, 2010b).

Nesta busca crescente por políticas de internacionalização, destaca-se o Programa Ciência sem Fronteiras, criado pelo Governo Federal, através do Decreto nº 7462, de 13 de dezembro de 2011, e desenvolvido pela CAPES/ Ministério da Educação (MEC) e pelo CNPq/Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Segundo o Decreto:

O Programa Ciência sem Fronteiras busca propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias (BRASIL, 2012)

Este programa vem ao encontro das expectativas do sistema de qualificação e de internacionalização das IES. Sua abrangência envolve a graduação sanduíche, o doutorado pleno, o doutorado sanduíche, o pós-doutorado, o estágio sênior para

pesquisadores e o treinamento para pesquisadores, especialistas e técnicos, todos realizados no exterior.

Os objetivos do programa são:

I - promover, por meio da concessão de bolsas de estudos, a formação de estudantes brasileiros, conferindo-lhes a oportunidade de novas experiências educacionais e profissionais voltadas para a qualidade, empreendedorismo, a competitividade e a inovação em áreas prioritárias e estratégicas para o Brasil;

II – ampliar a participação e a mobilidade internacional de estudantes de cursos técnicos, graduação e pós-graduação, docentes, pesquisadores, especialistas, técnicos, tecnólogos e engenheiros, pessoal técnico-científico de empresas e centros de pesquisa e de inovação tecnológica brasileiros, para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, estudos, treinamentos e capacitação em instituições de excelência no exterior;

III – criar oportunidade de cooperação entre grupos de pesquisa brasileiros e pesquisadores de universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa de reconhecido padrão internacional;

IV – promover a cooperação técnico-científica entre pesquisadores brasileiros e pesquisadores de reconhecida liderança científica residentes no exterior por meio de projetos de cooperação bilateral e programas para a fixação no País, na condição de pesquisadores visitantes ou em caráter permanente;

V – promover a cooperação internacional na área de ciência, tecnologia e inovação;

VI – contribuir para o processo de internacionalização das instituições de ensino superior e dos centros de pesquisa brasileiros;

VII – propiciar maior visibilidade internacional à pesquisa acadêmica e científica realizada no Brasil;

VIII – contribuir para o aumento da competitividade das empresas brasileiras; e

IX – estimular e aperfeiçoar as pesquisas aplicadas no País, visando ao desenvolvimento científico e tecnológico e à inovação (BRASIL, 2011).

Uma forte razão para internacionalização das IES, conforme o entendimento aqui adotado, é a de proporcionar uma diversidade de conceitos, ideologias e culturas, fortalecendo o ensino, a pesquisa e a extensão, contribuindo com sua qualificação e ampliando a produção de conhecimento e sua difusão na comunidade internacional. Trata-se de uma questão de sobrevivência, no sentido de que é necessário internacionalizar para que seja possível competir em níveis de igualdade com as melhores IES nacionais e estrangeiras (STALLIVEIRI, 2003).

No caso da UFSM, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), sabendo da importância do crescimento da pós-graduação, da sua avaliação na CAPES e da crescente busca pela internacionalização, instituiu o “Seminário Institucional de Avaliação e Planejamento da Pós-Graduação na UFSM”. Este seminário é uma das estratégias e políticas de ações da UFSM expostas no seu Plano de Desenvolvimento Institucional 2011/2015 (PDI 2011/2015), e tem por

objetivo a autoavaliação dos programas de pós-graduação, partilhando as necessidades de ações coletivas e instrumentalização para o fortalecimento e consolidação da pós-graduação. O PDI está sinalizado na Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, que institui o SINAES em seu artigo 3º, inciso I, que propõe:

Art. 3º A avaliação das instituições de educação superior terá por objetivo identificar o seu perfil e o significado de sua atuação, por meio de suas atividades, cursos, programas, projetos e setores, considerando as diferentes dimensões institucionais, dentre elas obrigatoriamente as seguintes:

I- A missão e o plano de desenvolvimento institucional (BRASIL, 2004)

Uma das ações estratégicas, construídas pelo PDI da UFSM e que vem ao encontro da internacionalização da pós-graduação, é a de “Ampliar parcerias as parcerias com programas de pós-graduação do país e exterior, incluindo intercâmbios em redes de cooperação universitária, sendo como projetos desta estratégia: a) Programa de Internacionalização da Pós-Graduação e Pesquisa (oportunizar a aproximação e interação dos Programas de Pós-Graduação e pesquisadores estrangeiros, visando consolidar a inserção da UFSM no cenário científico internacional); e o Projeto de Dupla-diplomação (estabelecer convênios com instituições de ensino e pesquisa estrangeiras, especialmente da América do Sul, para coorientação de estudantes, e dupla titulação). Verifica-se, portanto, que a internacionalização é uma temática estratégica que diz respeito não só ao Governo Federal, devido a sua política de avaliação e fortalecimento da pós-graduação e à implantação do Programa Ciência sem Fronteiras, como à UFSM, devido ao seu PDI.

### 3 CONTEXTO DO ESTUDO

A pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) teve o seu início em 1970, em parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Organização dos Estados Americanos (OEA), quando foi criado o Curso de Pós-graduação em Educação, em nível de mestrado. Este curso foi executado e organizado pela UFSM em parceria com o Departamento de Assuntos Educacionais da OEA, tendo como tema central o estudo do currículo do Ensino Médio em sua dupla dimensão, técnica e prática. O mestrado era destinado a professores especializados em Educação e visava o estudo e a pesquisa dos problemas do Ensino Médio na América Latina, assim como: a aquisição de informações sobre o ensino; a interpretação, análise e elaboração de currículos; a difusão de uma mentalidade experimental na área de Educação e a promoção do intercâmbio entre vários sistemas educacionais dos países americanos (GUTIERRES, 2011).

Atualmente, a UFSM possui 102 cursos de pós-graduação, distribuídos em 25 doutorados, 44 mestrados acadêmicos, 05 mestrados profissionais, 17 especializações permanentes e 11 especializações na modalidade de Ensino a Distância (EAD). O recorte do estudo aqui presente está centrado nos Cursos de Doutorado avaliado pela CAPES, com conceitos iguais ou superiores a cinco. Esta opção foi em função de serem estes cursos nos quais a internacionalização é requisito essencial para alcançar ou manter os conceitos mais elevados no referido sistema de avaliação. A seguir, a tabela 3 apresenta os cursos de doutorado da UFSM:

Tabela 4 - Descrição dos cursos de pós-graduação da UFSM

(continua)

CIÊNCIAS AGRÁRIAS
<b>AGRONOMIA</b>
O Programa de Pós-Graduação em Agronomia (PPGA) existe desde 1970 e atuou em apenas uma área de concentração, denominada Biodinâmica do Solo, até o ano de 1984. Nesse ano, passou a chamar-se Biodinâmica do Solo e Planta e, em 1988, foi estabelecida uma nova área de concentração, em Produção Vegetal, com a inclusão de docentes dos Departamentos de Fitotecnia e de Defesa Fitossanitária. Em março de 1999, ocorreu o desmembramento da Área de Concentração de Biodinâmica do Solo, dando origem ao Programa de Pós-Graduação em Ciência

Tabela 5 - Descrição dos cursos de pós-graduação da UFSM

(continuação)

do Solo. O PPGA foi, então, reestruturado em torno de cinco linhas de pesquisa dentro da Produção Vegetal, envolvendo os Departamentos de Fitotecnia, Defesa Fitossanitária e Biologia. As evoluções dos seus conceitos de avaliação trienal da CAPES foram: 1999-2002, conceito cinco; 2001-2002, conceito quatro; 2003-2006, conceito cinco; 2007-2009, conceito quatro; 2010, conceito cinco.
<b>CIÊNCIA DOS SOLOS</b>
O Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo (PPGCS) foi separado, em 2003, do Programa de Pós-Graduação em Agronomia, no qual correspondia à Área de Concentração de Biodinâmica do Solo. Assim, a história do PPGCS inicia em 1970, quando foi criado o Programa de Pós-Graduação em Agronomia (PPGA). Inicialmente, o curso possuía uma única Área de Concentração, denominada Biodinâmica do Solo, que, em 1984, passou a chamar-se Biodinâmica do Solo e Planta. Em 1988, foram estabelecidas duas Áreas de Concentração, Biodinâmicas do Solo e Produção Vegetal. O PPGA era composto basicamente por professores dos Departamentos de Solos, Fitotecnia e Defesa Fitossanitária, os quais, na década de 90, consolidaram seus quadros docentes com titulação de doutorado. Isso permitiu a criação do doutorado no PPGA, que se iniciou em março de 1999, e o desmembramento da Área de Concentração de Biodinâmica do Solo, dando origem ao PPGCS. As evoluções dos seus conceitos de avaliação da CAPES foram: 2003-2006, conceito quatro e 2007-2010, conceito cinco.
<b>ENGENHARIA FLORESTAL</b>
O Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal (PPGEF) foi criado em 1990 com a implantação do Curso de Mestrado nas áreas de Silvicultura, Manejo Florestal e Tecnologia de Produtos Florestais. A partir de 1997, foi implantado o Curso de Doutorado em Manejo Florestal, mais tarde expandido para a área de Silvicultura. As evoluções dos seus conceitos de avaliação da CAPES foram: 1998-2000, conceito quatro; 2001-2006, conceito cinco; 2007-2009, conceito 4 e 2010, conceito cinco.
<b>MEDICINA VETERINÁRIA</b>
<b>MEDICINA VETERINÁRIA</b>
A Pós-Graduação em Medicina Veterinária foi criada em 1974, com o objetivo de formar recursos humanos que viessem a contribuir com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia brasileira. Já o Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária (PPGMV), foi criado em 1997, com a implantação do Curso de Doutorado, visando exercitar o ensino crítico e objetivo, voltado para a pesquisa nos diferentes campos da Ciência Animal. As evoluções dos seus conceitos de avaliação da CAPES foram: 1998-2000, conceito quatro; 2001-2003, conceito cinco; 2004-2010, conceito seis.
<b>ZOOTECNIA/RECURSOS PESQUEIROS</b>
<b>ZOOTECNIA</b>
O Programa de Pós-Graduação em Zootecnia (PPGZ) teve início em 1974 com o início do Curso de mestrado e foi ampliado em 2004, com a implantação do doutorado. O objetivo do programa é contribuir com o desenvolvimento científico e tecnológico da produção animal, melhorando sua eficiência e consolidando suas bases de sustentabilidade. As evoluções dos seus conceitos de

Tabela 6 - Descrição dos cursos de pós-graduação da UFSM

(continuação)

avaliação da CAPES foram: 1998-2006, conceito quatro e 2007-2010, conceito cinco.
<b>CIÊNCIAS BIOLÓGICAS</b>
<b>BIOQUÍMICA TOXICOLÓGICA</b>
O Programa de Pós-Graduação em Bioquímica Toxicológica (PPGBT) teve início em 1988 com o mestrado e foi ampliado em 2003, com criação do doutorado. O objetivo geral do programa é possibilitar a formação de recursos humanos na área de Ciências Biológica – Bioquímica Toxicológica com desenvolvimento científico-tecnológico concomitante na área. Seu conceitos de avaliação da CAPES foi: 1998-2010, conceito cinco.
<b>CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA</b>
<b>QUÍMICA</b>
O Programa de Pós-Graduação em Química (PPGQ) foi criado em 1988. O esforço inicial para a consolidação do curso foi direcionado para a criação de massa crítica de pesquisadores, indispensável para esse objetivo. Uma vez vencida a etapa inicial, os grupos de pesquisa foram gradativamente se consolidando através da aglutinação de pesquisadores em torno de ideias comuns que foram, simultaneamente, definindo a vocação natural do programa e evitando a pulverização de esforços em muitas linhas de pesquisas. Em decorrência disso, houve, em 1992, uma reforma curricular profunda, que trouxe a criação de uma nova Área de Concentração, a Química Analítica, acompanhada pela diminuição do número de créditos obrigatórios e de uma redefinição dos critérios de entrada de novos alunos com relação à Área de Concentração escolhida. O crescimento uniforme da Área de Química Orgânica levou à criação do Curso de Doutorado, que obteve, em 1994, a recomendação pelo Grupo Técnico Consultivo da CAPES (recomendação GTC/CAPES Ofício Nº Ref. DAA/GTC-6994, de 19 de Julho de 1994) com a especialização nesta Área de Concentração. Em 1999, o Curso de Doutorado foi expandido para as Áreas de Concentração de Química Inorgânica e de Química Analítica. O PPGQ, ao longo de sua trajetória, buscou sempre o aumento da qualidade que pode ser evidenciada pela classificação como curso de nível internacional obtida em 1998 após avaliação por comitê internacional coordenado pela Capes. Em 1996 o PPGQ obteve conceito 6 pela avaliação da Capes e manteve este conceito nas avaliações seguintes. As evoluções dos seus conceitos de avaliação da CAPES foram: 1998-2006 conceito 6; 2007-2010 conceito sete.
<b>ENGENHARIAS</b>
<b>2.4.8. ENGENHARIA ELÉTRICA</b>
O Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica foi criado em 1974 com o Curso de Mestrado e em 1999 com a criação do Curso de Doutorado. O Programa visa à formação de profissionais, capacitando-os para o desenvolvimento científico e tecnológico. As evoluções dos seus conceitos de avaliação da CAPES foram: 1998-2000 conceito 5; 2001-2003 conceito 4; 2004-2010 conceito 5.

Tabela 7 - Descrição dos cursos de pós-graduação da UFSM

(conclusão)

<b>LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES</b>
<b>2.4.9. LETRAS</b>
Criado em 1987, reconhecido pela CAPES em 1989, o curso mestrado foi credenciado em 1996. O nível de doutorado foi implementado em 2003. Atualmente, o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM está atravessando uma nova fase. O Programa tem por objetivo capacitar o profissional de nível superior para o exercício de suas atividades através do conhecimento teórico e da experiência de pesquisa nas áreas de Estudos Linguísticos e de Estudos Literários. As evoluções dos seus conceitos de avaliação da CAPES foram: 1998-2000 conceito 3; 2001-2009, conceito 4, 2010 conceito 5.

Fonte: Adaptado da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (2012).

Observa-se que a maior concentração dos cursos de doutorado está na área de Ciências Agrárias, que conta com três Doutorados. Em seguida, estão as seguintes áreas: Medicina Veterinária, Zootecnia/Recursos Pesqueiros, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Linguística, Letras e Artes, todas com um curso de doutorado cada.

O curso de doutorado com conceito máximo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é o do Programa de Pós-Graduação em Química, seguido do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, com conceito seis. A UFSM vem lutando para que seus cursos de doutorados passem a obter melhores conceitos, possibilitando a sua consolidação, o seu fortalecimento e a sua inserção internacional.

## **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente capítulo descreve os procedimentos metodológicos a serem utilizados nesta pesquisa, abordando os seguintes pontos: o tipo de pesquisa e a metodologia utilizada, o desenho da pesquisa, a coleta e o tratamento de dados.

### **4.1 O tipo de pesquisa e a metodologia utilizada**

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, que, conforme Godoy (1995), é uma abordagem que parte de questões ou focos de interesses amplos que vão tornando-se mais diretos e específicos nos transcorrer da investigação.

Apresenta-se, também, como descritiva, visto que busca caracterizar uma situação. Na visão de Gil (2007), as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

O tipo da pesquisa relaciona-se a um estudo de caso na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Segundo Yin (2005), essa estratégia de pesquisa contribui com o conhecimento que se tem dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais, políticos e grupais, além de outros fenômenos relacionados. Para Godoy (1995), nesse tipo de pesquisa os dados devem ser coletados nos locais em que eventos e fenômenos estão sendo estudados naturalmente, incluindo-se entrevistas, observações e análise de documentos.

Os dados foram coletados em vários procedimentos metodológicos. Primeiramente, por meio da análise documental, envolvendo os documentos de área; as fichas de avaliações do triênio 2007-2009/2010 (CAPES); das autoavaliações dos programas de pós-graduação com conceitos iguais ou superiores a cinco, realizadas no I e II Seminário Institucional de Avaliação e Planejamento da Pós-Graduação da UFSM, organizado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP). Em segundo lugar, com entrevistas semiestruturadas com os gestores dos programas de pós-graduação com conceitos

iguais ou superiores a cinco da UFSM. Portanto, esta pesquisa foi realizada em quatro fases:

- **documentos de área**, que são as diretrizes de avaliação propostas pela CAPES) para a apreciação de cada área do conhecimento. Essas áreas de conhecimentos estão classificadas e hierarquizadas em quatro níveis: grande área, área, subárea e especialidades, abrangendo do mais geral ao mais específico.

A classificação das Áreas do Conhecimento tem finalidade eminentemente prática, objetivando proporcionar aos órgãos que atuam em ciência e tecnologia uma maneira ágil e funcional de agregar suas informações. A classificação permite, primordialmente, sistematizar informações sobre o desenvolvimento científico e tecnológico, especialmente aquelas concernentes a projetos de pesquisa e recursos humanos (CAPES, 2007).

- **fichas de avaliação** de cada curso de doutorado avaliado pela CAPES. Estas fichas têm, como subsídios, as informações cedidas pelos gestores dos cursos no Sistema Coleta CAPES, através do Aplicativo Coleta de Dados CAPES, que é um sistema informatizado desenvolvido com o objetivo de coletar informações dos cursos de mestrado, doutorado e mestrado profissional integrantes do Sistema Nacional de Pós-Graduação (CAPES, 2013b). A alimentação deste sistema resulta no tabelamento dos resultados expressos nas fichas de avaliação.
- **autoavaliações** realizadas, no período de 2010 a 2011, no I e II Seminário Institucional de Avaliação e Planejamento da Pós-Graduação da UFSM, proposto pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), órgão de assessoria da Administração Central, que atua na formulação e implementação de políticas para a pós-graduação e pesquisa na UFSM. O modelo de autoavaliação adotado tem sua metodologia constituída pelos seguintes eixos temáticos: proposta do programa, corpo docente, atividade de pesquisa, produção intelectual, atividades de formação, destinos dos egressos, ambiente interno, infraestrutura e inserção social. Cada um dos eixos analisado em seus pontos fortes e fracos e em suas metas, destacando neste estudo o que diz respeito à internacionalização.

- **entrevistas** com os gestores de curso. O roteiro semiestruturado foi elaborado pela autora, inspirado no Seminário Institucional de Avaliação e Planejamento da Pós-Graduação da UFSM, promovido pela PRPGP da UFSM.

O foco da pesquisa são os cursos de doutorado avaliados pela CAPES, com conceitos iguais ou superiores a cinco. As categorias utilizadas para análise foram: proposta do programa, corpo docente, atividade de pesquisa, produção intelectual, atividades de formação, destinos dos egressos, ambiente interno, infraestrutura e inserção social, além dos pontos fortes e fracos e das metas de cada variável. Ainda, para atingir os objetivos propostos, foram realizadas entrevistas com os coordenadores dos programas de pós-graduação, identificando quais as dificuldades enfrentadas pelos programas para atendimento da demanda por internacionalização exigida pela CAPES.

O diagrama a seguir ilustra o modelo analítico do estudo, enfocando as categorias de análise abrangidas por esta pesquisa.

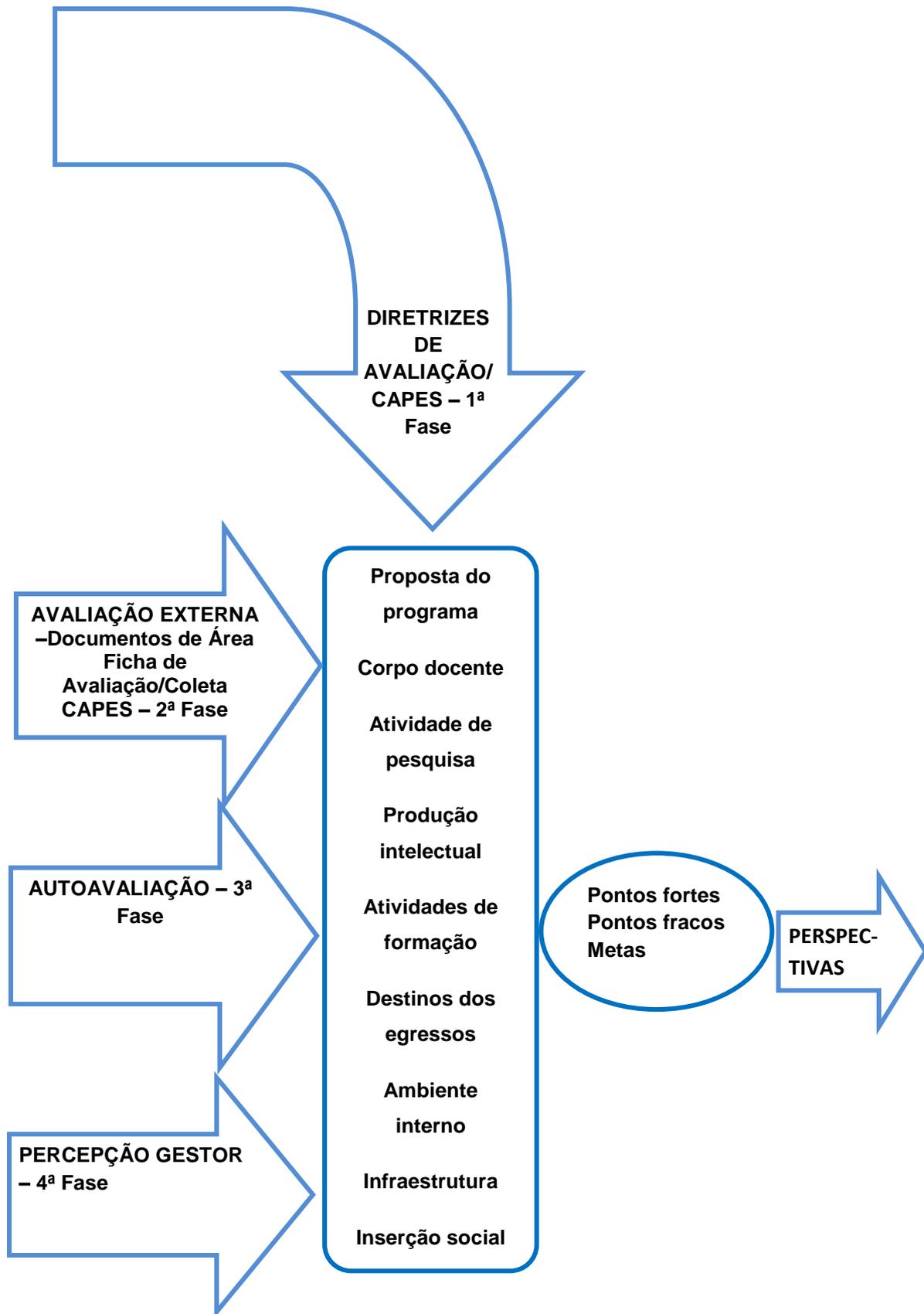


Figura 1 – Diagrama da pesquisa.  
Fonte: Elaborado pela Autora (2013)

## 4.2 A coleta e o tratamento de dados

A coleta de dados foi realizada nas quatro etapas anteriormente apresentadas. A primeira envolveu os documentos de áreas pesquisados no site da Capes e que formam o conjunto de diretrizes e critérios de avaliação para as áreas de conhecimento. No presente estudo, foram analisadas as áreas que compõe, especificamente, o recorte dos doutorados conceituadas pela CAPES com pontuações iguais ou superiores a cinco, que são: Ciências Agrárias I (Agronomia, Ciências do Solo, Engenharia Florestal); Medicina Veterinária (Medicina Veterinária); Zootecnia/Recursos Pesqueiros (Zootecnia); Ciências Biológicas II (Bioquímica Toxicológica); Química (Química); Engenharias (Engenharia Elétrica); e, Letras/Linguística (Letras).

Na segunda etapa foi realizada a análise da autoavaliação dos cursos de doutorados realizada no I e II Seminário Institucional de Avaliação e Planejamento da Pós-Graduação na UFSM.

A terceira etapa foi a análise das fichas de avaliações realizadas pela CAPES, nas quais é apresentada a avaliação geral de cada curso, explicitando, a cada item de avaliação e o seu resultado. Estas fichas são a fundamentação para atribuir os conceitos de cada curso, constituindo o seu fortalecimento ou seu descredenciamento junto à CAPES.

A quarta etapa foi realizada por meio de entrevistas com os gestores dos cursos, pautada nos itens de avaliação do Seminário de Autoavaliação e nas expectativas do gestor com relação à internacionalização de seu curso, conforme o roteiro em anexo. As entrevistas foram transcritas e realizadas leituras com objetivo conhecer o conteúdo captado, agrupar e identificar a internacionalização presente nesta análise. Concluiu-se esta etapa com o desenvolvimento de um quadro visualizando as principais referências sobre o núcleo central do estudo, a internacionalização. Os dados foram organizados para uma leitura e análise minuciosa na obtenção da internacionalização realizada nos documentos de área, nas autoavaliações e nas fichas de avaliações serão organizados pelas áreas de conhecimentos. Após a análise destas etapas da pesquisa, elaborou-se um quadro demonstrativo com o objetivo de criar um panorama geral das considerações da temática da internacionalização.

### **4.3. Análise dos Dados**

Nas três primeiras etapas da pesquisa o estudo envolveu análise documental. Nos documentos estudados foi realizada análise de conteúdo com destaque aos pronunciamentos que se referiam a problemática da internacionalização.

As entrevistas com os gestores foram transcritas e por análise de conteúdo também foi realizado o destaque dos pronunciamentos que se referiam a problemática da internacionalização.

### **4.3 Aspectos Éticos**

Os coordenadores dos programas de pós-graduação da UFSM, avaliados pela CAPES e com conceitos iguais ou superiores a cinco, objeto de estudo desta pesquisa, que concederam a entrevista assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os pesquisadores da presente pesquisa comprometem-se com a privacidade dos entrevistados, cujos dados serão coletados mediante entrevista com os coordenadores dos programas de pós-graduação da UFSM que atendem ao critério de conceitos iguais ou superiores a cinco, estabelecido por esta pesquisa.

O benefício desta pesquisa será o conhecimento da realidade. Já o seu risco consiste no possível constrangimento dos coordenadores dos programas de pós-graduação em responder às perguntas, mesmo tendo concordado em realizar a entrevista.

## **5 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

No propósito de alcançar os objetivos propostos que são: identificar como a política educacional do país considera a internacionalização em termos dos documentos de área da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); identificar como os programas de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) se autoavaliam; verificar como são avaliados, externamente, os programas de pós-graduação da UFSM sob a ótica da internacionalização; compreender a perspectiva dos seus gestores, quanto à internacionalização dos doutorados.

Assim, foram desenvolvidas as quatro dimensões da pesquisa analisando os documentos de áreas, as autoavaliações, as fichas de avaliações e as entrevistas, obtendo os resultados organizados e descritos por cada etapa.

### **5.1 Análise dos documentos de área**

Nesta análise dos documentos de área, identifica-se como a política educacional do país considera a internacionalização em termos de documentos de área da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os documentos de áreas foram agrupados e analisados pelas áreas de avaliação propostas pela CAPES e executadas por coordenadores das áreas. Estes coordenadores de áreas são indicados e nomeados, juntamente com as suas atribuições, através de uma portaria do Ministério da Educação (MEC). Os documentos de área analisados foram os das Ciências Agrárias I (Agronomia, Ciências dos Solos e Engenharia Florestal); Medicina Veterinária (Medicina Veterinária); Zootecnia/Recursos Pesqueiros (Zootecnia), Química (Química), Ciências Biológicas II (Bioquímica Toxicológica), Engenharias IV (Engenharia Elétrica) e Letras/Linguística (Letras).

Os documentos de área são a compilação e análise dos resultados atribuídos pelos coordenadores de área, obtidos pelas fichas de avaliações dos cursos de pós-

graduação. Estes documentos são compostos pelos seguintes itens: I. considerações gerais sobre o estágio da área; II. considerações gerais sobre a ficha de avaliação para o Triênio 2007-2009; III. considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, o Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da área para estratificação e uso na avaliação; IV. ficha de Avaliação para o triênio 2007-2009/2010 e V. considerações e definições sobre atribuições de conceitos seis e sete – inserção internacional (Ver Anexo 3)

Para a área de avaliação de Ciências Agrárias I, compreendendo os Cursos de Agronomia, Ciências dos Solos e Engenharia Florestal, foram identificados as seguintes referências de internacionalização (Tabela 4):

Tabela 8 - Documento de área – Ciências Agrárias

CIÊNCIAS AGRÁRIAS I	
Itens	Referência de internacionalização
I.Considerações gerais sobre o estágio da área.	–
II.Considerações gerais sobre a ficha de avaliação para o triênio 2007-2009	–
III. Considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, o Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da área para estratificação e uso na avaliação.	Internacionalização.
IV.. Ficha de avaliação para o triênio 2007-2009.	2: Corpo Docente – Experiência e projeção nacional e internacional
V.Considerações e definições sobre atribuições de conceitos seis e sete – inserção internacional.	1: Nível de qualificação, de produção e de desempenho equivalentes ao dos centros internacionais de excelência na formação de recursos humanos – Indicadores de inserção internacional.

Fonte: Adaptado de Brasil (2010a)

Quanto à área de Medicina Veterinária, que compreende o curso de doutorado em Medicina Veterinária, foram constatados, no que se referem à internacionalização, os seguintes dados (Tabela 5):

Tabela 9 - Documento de Área – Medicina Veterinária

MEDICINA VETERINÁRIA	
Itens	Referência de internacionalização
I.Considerações gerais sobre o estágio da área.	-
II.Considerações gerais sobre a ficha de avaliação para o triênio 2007-2009.	Na inserção social, será avaliada a atuação do programa no contexto regional, nacional e internacional, considerando o impacto científico, tecnológico, econômico e educacional, bem como o envolvimento em ações de integração social e de solidariedade.
III. Considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, o Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da Área para estratificação e uso na avaliação.	Internacionalização.
IV. Ficha de avaliação para o triênio 2007-2009.	1: Proposta do Programa – Avanço do conhecimento e formação de recursos humanos, com vista aos desafios nacionais e internacionais da área. 2: Corpo Docente – projeção nacional e internacional.
V.Considerações e definições sobre atribuições de conceitos seis e sete – inserção internacional.	1: Nível de qualificação, de produção e de desempenho equivalentes ao dos centros internacionais de excelência na formação de recursos humanos – Indicadores de inserção internacional.

Fonte: Adaptado de Brasil (2010a)

Na área de Zootecnia/Recursos Pesqueiros foi analisado o curso de Zootecnia, cujas referências para a internacionalização são as seguintes. Seguem os dados na tabela abaixo (Tabela 6):

Tabela 10 - Documento de Área – Zootecnia/Recursos Pesqueiros

ZOOTECNIA/RECURSOS PESQUEIROS	
Itens	Referência de internacionalização
I.Considerações gerais sobre o estágio da área.	Crescente aumento na publicação de artigos internacionais.
II.Considerações gerais sobre a ficha de avaliação para o triênio 2007-2009.	–
III. Considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, o Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da Área para estratificação e uso na avaliação.	Internacionalização.
IV. Ficha de avaliação para o triênio 2007-2009.	1: Proposta do Programa – Avanço do conhecimento e formação de recursos humanos, com vista aos desafios nacionais e internacionais da área. 2: Corpo Docente – Experiência e projeção nacional e internacional.
V.Considerações e definições sobre atribuições de conceitos seis e sete – inserção internacional.	1. Nível de qualificação, de produção e de desempenho equivalentes ao dos centros internacionais de excelência na formação de recursos humanos – Indicadores de inserção internacional.

Fonte: Adaptado de Brasil (2010a)

Na área de avaliação da Química, que compreende o Curso de Química, ficaram evidenciadas os seguintes aspectos de internacionalização (Tabela 7):

Tabela 11 - Documento de área – Química

(continua)

QUÍMICA	
Itens	Referência de internacionalização
I.Considerações gerais sobre o estágio da área.	–
II.Considerações gerais sobre a ficha de avaliação para o triênio 2007-2009.	–

Tabela 12 - Documento de área – Química

(conclusão)

III. Considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, o Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da Área para estratificação e uso na avaliação	3: Patentes – I. depósito internacional; II. concessão restrita ou internacional quando na União Europeia, Mundial ou nos EUA.
IV. Ficha de avaliação para o Triênio 2007-2009.	5: Inserção Social – Programas oficiais de cooperação nacional e internacional; existência de sítio rico em informações na internet com detalhes e com versões portuguesas, inglesas e espanholas.
V. Considerações e definições sobre atribuições de conceitos seis e sete – inserção internacional.	A inserção internacional e o impacto do programa.

Fonte: Adaptado de Brasil (2010a)

Na área de avaliação Ciências Biológicas II, compreendendo o Curso de Bioquímica Toxicológica, foi evidenciada a internacionalização nos seguintes itens (Tabela 8):

Tabela 13 - Documento de área – Ciências Biológicas II

(continua)

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS II	
Itens	Referência de internacionalização
I. Considerações gerais sobre o estágio da área.	Condições Gerais: Os cursos se enquadram nesta modalidade de programa, estruturados por tradicionais sociedades científicas de projeção internacional; Critérios rigorosos de estratificação e análise das publicações em periódicos internacionais, estabeleceram-se exigentes requisitos para atribuição de conceitos seis e sete (com destaque para os referenciais de desempenho internacional).
II. Considerações gerais sobre a ficha de avaliação para o triênio 2007-2009	–

Tabela 14 - Documento de área – Ciências Biológicas II

(conclusão)

III. Considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, o Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da Área para estratificação e uso na avaliação.	Internacionalização
IV. Ficha de avaliação para o triênio 2007-2009	–
V. Considerações e definições sobre atribuições de conceitos seis e sete – inserção internacional.	A- Inserção internacional; B- Desempenho intelectual e reconhecimento deste desempenho; C- Sinais de prestígio acadêmico a nível internacional.

Fonte: Adaptado de Brasil (2010a)

Para a área de avaliação das Engenharias IV, que compreende o Curso de Engenharia Elétrica foram destacadas as seguintes referências para a Internacionalização (Tabela 9):

Tabela 15 - Documentos de Área – Engenharias IV

(continua)

ENGENHARIAS IV	
Itens	Referência de internacionalização
I. Considerações gerais sobre o estágio da área,	–
II. Considerações gerais sobre a ficha de avaliação para o triênio 2007-2009	–
III. Considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, o Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da Área para estratificação e uso na avaliação.	Internacionalização.
IV. Ficha de avaliação para o triênio 2007-2009	1: Proposta do Programa – capítulo de livro internacional; livros internacionais; e patentes nacionais e internacionais.
V. Considerações e definições sobre atribuições de conceitos seis e sete – inserção internacional.	D- Indicadores para o conceito sete; 7: Haver docentes que fazem parte de comitês organizadores de congressos nacionais e internacionais, bem como de corpos editoriais de

(conclusão)

	periódicos de circulação nacional e internacional; 9: Premiações e distinções nacionais e internacionais.
--	--

Fonte: Adaptado de Brasil (2010a)

Na área de avaliação das Letras/Linguística, compreendendo o Curso de Letras, foram verificadas as seguintes referências para a internacionalização (Tabela 10):

Tabela 16 - Documento de Área – Letras/Linguística

(continua)

LETRAS/LINGUÍSTICA	
Itens	Referência de internacionalização
I.Considerações gerais sobre o estágio da área.	A produção acadêmica nacional e internacional aponta para perfis diferenciados, como também se observa nos principais periódicos de Letras e Linguística do Brasil e exterior.
II.Considerações gerais sobre a ficha de avaliação para o triênio 2007-2009	–
III. Considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, o Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da Área para estratificação e uso avaliação.	Internacionalização.
IV.. Ficha de avaliação para o triênio 2007-2009.	1: Proposta do Programa 1.2: Planejamento do programa com vistas a seu desenvolvimento futuro, contemplando os desafios internacionais da área. 2: Corpo docente 2.3: O programa deve informar a participação de seus docentes em grupos certificados de pesquisa, em programas ou projetos especiais, em redes de pesquisadores nacionais ou internacionais.
V.Considerações e definições sobre atribuições de conceitos seis e sete – inserção internacional.	Corpo Docente Para que se atribua conceito seis a um programa

	<p>é necessário que mais de 50% dos docentes tenham realizado estágio pós-doutoral, ou, ainda, que tenham sido professores visitantes no exterior.</p> <p>Produção intelectual</p> <p>Será dado destaque à distribuição da produção, à qualidade dos veículos de divulgação, à produção bibliográfica, à participação, preferencialmente como convidado, em congressos nacionais e internacionais e à produção de discentes vinculadas às teses e dissertações.</p> <p>Representatividade do programa</p> <p>Inserção, tanto nacional quanto internacional do programa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– promoção de eventos científicos significativos, de cunho nacional ou internacional;</li> <li>– criação de intercâmbios e convênios nacionais e internacionais;</li> <li>– envio regular de alunos de doutorado para estágios sanduíches em instituições estrangeiras;</li> <li>– presença de alunos estrangeiros no programa;</li> <li>– presença de professores de instituições nacionais e internacionais no programa;</li> <li>– participação qualificada e apresentação de trabalhos em eventos científicos internacionais de alto nível acadêmico;</li> <li>– realização de estágios e pesquisas no país e no exterior com equipes estrangeiras;</li> <li>– participação relevante em organismos internacionais;</li> <li>– prêmios e distinções nacionais e internacionais.</li> </ul>
--	---

Fonte: Adaptado de Brasil (2010a)

No Item III – “Considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, o Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da Área para estratificação e uso na avaliação”,

a CAPES considera Qualis – “o conjunto de procedimentos utilizados para a estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação”. Para tanto, são disponibilizadas estas classificações, bem como os critérios utilizados no site Webqualis e o roteiro de classificação de livros, definidos pelo Conselho Técnico-Científico da Educação Superior (CTC-ES), em seu art. 13, órgão colegiado da CAPES que tem como competência:

- I - assistir a Diretoria-Executiva na elaboração das políticas e diretrizes específicas de atuação da CAPES no tocante à formação de recursos humanos de alto nível, ao sistema de pós-graduação e ao sistema nacional de desenvolvimento científico e tecnológico;
  - II - colaborar na elaboração da proposta do Plano Nacional de Pós-Graduação;
  - III - opinar sobre a programação anual da CAPES na área específica da Educação Superior;
  - IV - opinar, na área de sua atuação, sobre critérios e procedimentos para a distribuição de bolsas e auxílio institucionais e individuais;
  - V - opinar sobre acordos de cooperação entre a CAPES e instituições nacionais, estrangeiras ou internacionais na área de sua atuação;
  - VI - propor critérios e procedimentos para o acompanhamento e a avaliação da pós-graduação e dos programas executados pela CAPES no âmbito da educação superior;
  - VII - deliberar em última instância no âmbito da CAPES sobre propostas de cursos novos e conceitos atribuídos durante a avaliação dos programas de pós-graduação;
  - VIII - propor a realização de estudos e programas para o aprimoramento das atividades da CAPES no tocante à formação de recursos humanos de alto nível, ao sistema de pós-graduação e ao sistema nacional de desenvolvimento científico e tecnológico;
  - IX - opinar sobre assuntos que lhe sejam submetidos pelo presidente da CAPES; e
  - X - eleger seu representante no Conselho Superior.
- (CAPES, 2013a)

As definições classificadas para o Qualis Periódicos e o roteiro de classificação de livros passam anualmente por avaliações e são realizadas por cada área de avaliação dos cursos de pós-graduação, analisando, principalmente, o seu impacto internacional, baseados nos dados fornecidos através do Sistema Coleta CAPES pelos cursos. Foi evidenciado, nas análises dos documentos de áreas, que em todos os cursos de pós-graduação, está contida a exigência da internacionalização em sua produção intelectual.

Para o Item V, dos documentos de área, “Considerações e definições sobre atribuições de conceitos seis e sete – inserção internacional”, são atribuídos os conceitos seis e sete aos cursos classificados com conceito cinco na primeira avaliação da avaliação trianual, que tenham atendido às condições de desempenho

equivalentes a centros internacionais de excelência na área e que tenham tido um nível de desempenho altamente diferenciado em relação aos demais programas da área. No que se refere ao desempenho de centros de excelência internacionais, os cursos devem atender aos indicadores estabelecidos nos documentos de área. Em cada documento de área foram evidenciados diferentes indicadores de internacionalização, de acordo com a exigência das definições das áreas.

Ainda nesta etapa da análise, foram compilados os indicadores que mais fizeram-se presentes nas avaliações realizadas pelos documentos de áreas. São eles: participação em comitês, diretorias, sociedades e programas internacionais; colaborações internacionais (docência, consultorias, editoria, visitas); participação em intercâmbios e convênios de cooperação caracterizados por reciprocidade; cooperação e fomento de instituições internacionais (cooperação formal e financiamento no exterior) com intercâmbio de alunos e de docentes; participação discente em atividades e publicações no exterior; realização, organização e participação em eventos internacionais qualificados; produção científica destacada no cenário internacional (avaliar o veículo e a proporção da produção internacional); presença de docentes ou discentes estrangeiros no programa; presença de bolsistas doutores ou em treinamento sabático no programa; prêmios, reconhecimento ou destaque de nível internacional.

## **5.2 Autoavaliação**

Nesta análise, foi verificada a internacionalização da pós-graduação na ótica da autoavaliação dos cursos estudados com conceitos da CAPES iguais ou superiores a cinco, realizada no I e II Seminário Institucional de Avaliação e Planejamentos da Pós-Graduação (2010 e 2011), propostos pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Nesta etapa da pesquisa, foram incluídas três perguntas das entrevistas realizadas com os coordenadores dos cursos, por corroborarem com a autoavaliação realizada nos seminários.

As tabelas a seguir apresentam os resultados obtidos na autoavaliação realizada pelos cursos com a análise das variáveis dos eixos temáticos, propostas

pelo formulário de autoavaliação da PRPGP da UFSM e, ainda, as perguntas feitas aos coordenadores sobre os principais pontos, fortes e fracos, e a meta principal do curso.

No Programa de Pós-Graduação em Agronomia (PPGA) foi identificada a internacionalização na proposta do programa, especificamente nas metas, tanto na autoavaliação de 2010 como na de 2011. A internacionalização ainda se apresenta na inserção social de 2011 com a necessidade do aumento da cooperação internacional (Tabela 11). Esta identificação da internacionalização é comprovada na entrevista realizada com o coordenador do curso.

Tabela 17 - Autoavaliação Agronomia

<b>AGRONOMIA – Conceito 5</b>	
<b>AUTOAVALIAÇÃO</b>	
<b>2010</b>	
Proposta do programa	Meta: – Aumento da Cooperação Internacional.
<b>2011</b>	
Proposta do programa	Meta: – Aumento da Cooperação Internacional.
Inserção social	Meta: – Aumento da Cooperação Internacional; – Aumento do Intercâmbio internacional de alunos.
<b>ENTREVISTA</b>	
Ponto forte	– Inserção regional.
Pontos fracos	– Internacionalização; – Publicação científica; – Egressos.
Meta	– Cooperação internacional.

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

No Programa de Pós-Graduação em Ciências do Solo (PPGCS) foi identificada, em 2010, a preocupação da internacionalização, em um aspecto mais abrangente, na proposta do programa e, também, no corpo docente, em um esforço

de estimular a capacitação de seus recursos humanos no exterior. Em 2011, a autoavaliação do programa focou somente na proposta do programa, tanto no ponto forte, os convênios internacionais, como no ponto fraco, a inserção internacional inconstante. Na entrevista realizada com o coordenador do curso salientaram-se mais pontos fortes do programa, o reforço da pouca internacionalização e o acréscimo da meta de interação das linhas de pesquisas (Tabela 12).

Tabela 18 - Autoavaliação – Ciência do Solo

<b>CIÊNCIAS DO SOLO – Conceito 5</b>	
<b>AUTOAVALIAÇÃO</b>	
<b>2010</b>	
Proposta do programa	Meta: – Internacionalização do programa.
Corpo docente	Meta: – Estímulo ao pós-doutoramento ou estágios de curta duração no exterior.
<b>2011</b>	
Proposta do programa	Pontos fortes: – Convênios internacionais ativos (Pró-África); Pontos fracos: – Inserção Internacional inconstante.
<b>ENTREVISTA</b>	
Pontos fortes	– Produção homogênea; – Inserção de pessoas.
Ponto fraco	– Visibilidade internacional.
Meta	– Interação das linhas de pesquisas.

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

No Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal (PPGEF) observou-se, na autoavaliação de 2010, a inserção internacional, através da troca de experiências com exterior, a intenção de estabelecer e fortalecer parcerias internacionais. A grande dificuldade do programa é a proposta de aumento das publicações no exterior. Na autoavaliação de 2011 identificou-se a inserção social como ponto forte, a produção intelectual como ponto fraco e meta e a atividade de pesquisa como meta do programa. O coordenador do curso destacou, em sua entrevista, como ponto forte, a experiência com a recepção de estrangeiros; como

pontos fracos, os convênios internacionais ativos, a infraestrutura e o trabalho em equipe e, como meta, a interação das linhas de pesquisa.

Tabela 19 - Autoavaliação – Engenharia Florestal

(continua)

<b>ENGENHARIA FLORESTAL – Conceito 5</b>	
<b>AUTOAVALIAÇÃO</b>	
<b>2010</b>	
Proposta do programa	<p>Pontos fortes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Alunos com origens de todo o Brasil, da América do Sul, com intercambistas da Áustria, Alemanha e Bolívia;</li> <li>– Interação com universidades e institutos de pesquisa nacionais e internacionais, através do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad).</li> </ul> <p>Ponto fraco:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Dificuldade de publicação em revistas internacionais.</li> </ul>
Atividades de pesquisa	<p>Meta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Consolidar os convênios internacionais ativos e atuantes.</li> </ul>
Produção intelectual	<p>Meta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Aumentar a produção intelectual para, no mínimo, dois artigos em revista internacional por docente/ano.</li> </ul>
<b>2011</b>	
Atividades de pesquisa	<p>Meta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Aumento do número de convênios internacionais ativos e atuantes.</li> </ul>
Produção intelectual	<p>Pontos fracos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Dificuldade de publicação em revistas internacionais.</li> </ul> <p>Meta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Aumentar a produção intelectual para, no mínimo, dois artigos em revista internacional.</li> </ul>
Inserção social	<p>Pontos fortes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Alunos intercambistas da América do Sul, Áustria e Alemanha;</li> <li>– Interação com universidades e institutos de pesquisa nacionais e internacionais</li> </ul>

Tabela 20 - Autoavaliação – Engenharia Florestal

(conclusão)

<b>ENTREVISTAS</b>	
Ponto forte	– Experiência de recepção de estrangeiros.
Pontos fracos	– Convênios internacionais ativos; – Infraestrutura; – Trabalho em equipe.
Meta	– Interação das linhas de pesquisa.

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

No Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária (PPGMV), autoavaliado em 2010, foi identificada positivamente a internacionalização, as parceiras internacionais e a proposição de maior inserção internacional. Em 2011, o programa referencia, na proposta do programa, os pontos fortes e as metas da internacionalização, bem como as metas da produção intelectual. Na entrevista, o coordenador destaca, como ponto forte, a produção intelectual (meta na autoavaliação de 2011), como ponto fraco, a formalização dos convênios, e, como meta, a formalização dos convênios (Tabela 14).

Tabela 21 - Autoavaliação – Medicina Veterinária

(continua)

<b>MEDICINA VETERINÁRIA – Conceito 6</b>	
<b>AUTOAVALIAÇÃO</b>	
<b>2010</b>	
Proposta do programa	Meta: Internacionalização.
Corpo docente	Ponto forte: – Parcerias nacionais e internacionais com outras instituições de ensino superior.
Inserção social	Metas: – Promoção de eventos interativos nacionais ou internacionais/triênio (Panorama atual: 1/Panorama futuro: 4); – Aumento de inserção internacional em centros de ensino e pesquisa.
<b>2011</b>	
Proposta do programa	Pontos fortes: – Reconhecimento nacional e internacional dos grupos de pesquisa. Metas:

Tabela 22 - Autoavaliação – Medicina Veterinária

(conclusão)

	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Expandir a internacionalização em países Europeus e do CONESUL;</li> <li>– Incentivo à participação de docentes altamente qualificados, do Brasil e do exterior, em bancas de mestrado e doutorado, utilizando recursos de teleconferência.</li> </ul>
Produção intelectual	Metas: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Publicação em periódicos internacionais (em inglês).</li> </ul>
<b>ENTREVISTA</b>	
Ponto forte	– Publicação científica.
Ponto fraco	– Formalização de convênios.
Meta	– Formalização de convênios.

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

Na autoavaliação de 2010, no Programa de Pós-Graduação em Zootecnia (PPGZ), observou-se claramente o estímulo de capacitação no exterior de seus docentes permanentes, evidenciada pelo número de pós-doutoramentos realizados. Foi, também, identificada a necessidade de publicações internacionais classificadas pela CAPES e a proposição do aumento de parcerias internacionais. Em 2011, a internacionalização do programa centrou-se na proposta do programa de ampliação de convênios e eventos internacionais. O coordenador do curso, em sua entrevista, salientou como ponto forte, o corpo docente (o qual consta, na autoavaliação de 2010, como meta) e as linhas de pesquisa, como ponto fraco, o domínio de língua estrangeira, e como meta, a internacionalização e a função social. Segue a tabela 15, referente à Zootecnia.

Tabela 23 - Autoavaliação – Zootecnia

(continua)

<b>ZOOTECNIA – Conceito 5</b>	
<b>AUTOAVALIAÇÃO</b>	
<b>2010</b>	
Proposta do programa	<p>Meta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Estimular os docentes permanentes a atualizarem-se através de treinamento em nível de pós-doutorado, tanto no Brasil quanto no exterior.</li> </ul>
Corpo docente	<p>Ponto forte:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– A qualificação do corpo docente e do corpo de orientadores tem sido um dos pontos de atração de pós-graduandos, em função das áreas de atuação dos mesmos serem avançadas e atuais. Considerando o total de docentes permanentes, 75% são bolsistas de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e 35% possuem treinamento em nível de pós-doutorado no exterior (Estados Unidos da América = 01, Canadá = 01, Espanha = 01 e França = 04).</li> </ul> <p>Metas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Estimular os docentes permanentes a atualizarem-se através de treinamento em nível de pós-doutorado, tanto no Brasil quanto no exterior.</li> </ul>
Produção intelectual	<p>Ponto fraco:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– É necessário que a produção intelectual seja diversificada, isto é, distribua para a publicação em maior número de periódicos, aumentando a proporção nos de classificação no sistema Qualis/CAPES A1 e A2, bem como uma pequena proporção em periódicos classificados como B2, B3, B4 e B5. Há poucos recursos para estimular a publicação em periódicos internacionais, A1 e A2.</li> </ul>
Inserção social	<p>Metas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Ampliar o número de convênios com entidades de ensino e pesquisa nacionais e internacionais.</li> </ul>

Tabela 24 - Autoavaliação – Zootecnia

(conclusão)

2011	
Proposta do programa	Meta: – Ampliar convênios entidades de ensino e pesquisa nacionais e internacionais; Aumentar eventos nacionais internacionais.
ENTREVISTA	
Pontos fortes	– Corpo docente; – Linhas de pesquisa.
Ponto fraco	– Domínio da língua estrangeira.
Metas	– Internacionalização; – Função social.

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

No Programa de Pós-Graduação em Bioquímica Toxicológica (PPGBT), autoavaliado em 2010, foi demonstrada a grande preocupação da internacionalização na inserção social, seja nos seus pontos fortes, seja nos fracos, seja nas suas metas. Em 2011, o programa apresentou, na análise do ambiente interno e da satisfação interna, bem como na inserção social, as suas metas, seja quanto ao incentivo na participação de eventos, seja na promoção de convênios internacionais. Na entrevista, o coordenador ressaltou, como pontos fortes, a recepção de alunos estrangeiros e a produção científica, como ponto fraco, a internacionalização e a produção e, como meta, o curso ser de excelência (Tabela 16).

Tabela 25 - Autoavaliação – Bioquímica Toxicológica

(continua)

BIOQUÍMICA TOXICOLÓGICA – Conceito 5	
AUTOAVALIAÇÃO	
2010	
Inserção social	Ponto forte: – Interação com universidades de países em desenvolvimento Ponto fraco: – Dificuldade na internacionalização do programa Metas:

Tabela 26 - Autoavaliação – Bioquímica Toxicológica

(conclusão)

	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Promover convênios com instituições de outros países;</li> <li>– Incentivar alunos a estagiarem no exterior.</li> </ul>
<b>2011</b>	
Análise do ambiente interno e satisfação interna	Metas <ul style="list-style-type: none"> <li>– Maior incentivo para participação em congressos, inclusive internacionais, com custeio para a inscrição, deslocamento e painéis;</li> <li>– Ampliar as cadeias de cooperação internacional, provendo maiores informações e bolsas para estágios no exterior.</li> </ul>
Inserção social	Meta: <ul style="list-style-type: none"> <li>– Promover convênios com instituições de outros países.</li> </ul>
<b>ENTREVISTA</b>	
Pontos fortes	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Recepção de alunos estrangeiros;</li> <li>– Produção científica no exterior.</li> </ul>
Pontos fracos	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Internacionalização;</li> <li>– Produção.</li> </ul>
Meta	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Curso de Excelência.</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

No Programa de Pós-Graduação em Química (PPGQ) não faz referência à internacionalização em sua autoavaliação de 2010. Na autoavaliação de 2011, o programa demonstrou preocupação com a proposta do programa, identificando a internacionalização como o aprimoramento, salientando que a análise do ambiente interno e a satisfação interna são suas metas. O coordenador, em sua entrevista, destacou, como pontos fortes, a produção científica, o tempo reduzido de formação e a inserção internacional, como ponto fraco, a infraestrutura e, como meta, a manutenção do conceito sete (Tabela 17).

Tabela 27 - Autoavaliação – Química

<b>QUÍMICA – Conceito 7</b>	
<b>AUTOAVALIAÇÃO</b>	
<b>2010 (sem referências à internacionalização)</b>	
<b>2011</b>	
Proposta do programa	Ponto fraco: – A internacionalização do programa deve ser aprimorada.
Análise do ambiente interno e satisfação interna	Metas: – Oportunidades e incentivos para intercâmbios no exterior; – Projetos de cooperação com grupos de pesquisa de outras instituições brasileiras e do exterior; – Número de projetos aprovados – Qualidade do corpo docente.
<b>ENTREVISTA</b>	
Pontos fortes	– Produção científica; – Tempo reduzido de formação; – Inserção internacional.
Ponto fraco	– Infraestrutura.
Meta	– Manutenção do conceito sete.

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

Na autoavaliação de 2010, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Elétrica (PPGEE), a meta de internacionalização foi evidenciada pelo aumento das atividades de construção de parcerias internacionais. Em 2011, o programa identificou sua internacionalização como ponto fraco, e, por isso, tornou-a sua meta na produção intelectual. Também, em sua entrevista, o coordenador ressalta, como pontos fortes, a produção técnica e as publicações relevantes, como ponto fraco, a ausência de simetria dos projetos e convênios e, como metas, a manutenção do que já foi conquistado, a expansão do corpo docente e adoção de atividades referentes às instituições nacionais e internacionais (Tabela 18).

Tabela 28 - Autoavaliação – Engenharia Elétrica

<b>ENGENHARIA ELÉTRICA – Conceito 5</b>	
<b>AUTOAVALIAÇÃO</b>	
<b>2010</b>	
Proposta do programa	Meta: – Aumentar a atratividades com vistas à cooperação internacional.
<b>2011</b>	
Proposta do programa	Pontos Fracos: – Pouca inserção internacional, como participação de editoria de periódicos, organização de congressos; – Poucos projetos e poucas cooperações acadêmicas internacionais com simetria adequada. Meta: – Implementação de cooperação bidirecional com instituições estrangeiras.
Produção intelectual	Meta: – Aumento de publicações em revistas internacionais e nacionais.
Proposta do programa	Meta: – Aumentar a atratividades com vistas à cooperação internacional.
<b>ENTREVISTA</b>	
Pontos fortes	– Produção técnica; – Publicações relevantes.
Ponto fraco	– Projetos e convênios de intercâmbio com simetria.
Metas	– Manter o conquistado; – Expandir o corpo docente; – Assumir atividades referentes às instituições nacionais e internacionais.

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

Em 2010, no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), verificou-se, na autoavaliação, a internacionalização em quatro dos nove eixos propostos neste estudo. A internacionalização é uma preocupação desde os pontos fortes e fracos até às metas. Na análise realizada, os eixos temáticos mais evidenciados foram: proposta do programa, corpo docente, atividades de pesquisa, produção intelectual e inserção social. Dentre os evidenciados, o mais destacado foi a proposta do programa. Dos nove cursos analisados, cinco reportaram, na proposta do programa,

a necessidade de realização de parcerias internacionais e o estímulo da realização de treinamentos no exterior. Em 2011, identificou-se, na autoavaliação, a proposta do programa como ponto forte e meta, bem como o corpo docente como meta para sua internacionalização. Foi destacado pela coordenação, na entrevista realizada, como ponto forte, a harmonia nas linhas de pesquisa e a defesa dos alunos de mestrado e doutorado no prazo; como ponto fraco, a disponibilidade para a produção e o projeto individual para a internacionalização e, como meta, o projeto de internacionalização para o programa (Tabela 19).

Tabela 29 - Autoavaliação – Letras

(continua)

<b>LETRAS – Conceito 5</b>	
<b>AUTOAVALIAÇÃO</b>	
<b>2010</b>	
Proposta do Programa	<p>Metas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Estabelecimento de parcerias nacionais e internacionais (projetos conjuntos de pesquisa);</li> <li>– Priorização da formação pós-doutoral no exterior.</li> </ul>
Corpo Docente	<p>Ponto forte:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Participação de docentes do programa em órgãos de fomento nacional e regional, bem como participação efetiva em associações nacionais e internacionais da área.</li> </ul> <p>Ponto fraco: Necessidade/carência de estabelecimentos de intercâmbios internacionais mais formalizados, com ações mais efetivas.</p> <p>Metas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Novos modelos – redes e parcerias nacionais e internacionais através de projetos conjuntos de pesquisa (mobilidade acadêmica, priorização da formação pós-doutoral, preferencialmente no estrangeiro);</li> <li>– Discussão sobre o perfil docente para orientação, com base, não só na produtividade e na experiência de iniciação científica e de mestrado, como também em um perfil mais distinto, levando em conta a representação</li> </ul>

Tabela 30 - Autoavaliação – Letras

(continuação)

	nacional e internacional do pesquisador.
Atividades de pesquisa	<p>Ponto Fraco:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Dar visibilidade às pesquisas que são feitas no âmbito do programa, em colaboração com outras instituições de pesquisa, dentro e fora do Brasil, implementando o intercâmbio acadêmico.</li> </ul>
Produção intelectual	<p>Pontos fortes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Produção consolidada em capítulos e livros (no Brasil e no estrangeiro), com editoras de renome e artigos em periódicos nacionais e internacionais com Qualis A2 (a grande maioria);</li> <li>– Avaliação Qualis da Revista Letras (1991 – n. 39) de B2 para A2 (criação da página da Revista e do suporte online, atendendo os parâmetros internacionais).</li> </ul> <p>Metas:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Consolidação da inserção nacional do programa através da prática de grupos integrados de pesquisa para uma projeção internacional com projetos de pesquisa em conjunto.</li> </ul>
<b>2011</b>	
Proposta do programa	<p>Pontos fortes:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Formação pós-doutoral dos docentes no exterior e/ou no Brasil, em instituições reconhecidas (13 docentes com pós-doutorado);</li> <li>– Participação efetiva dos docentes em associações nacionais e internacionais na área.</li> </ul> <p>Meta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Estabelecer parcerias nacionais e internacionais (projetos conjuntos de pesquisa).</li> </ul>
Corpo docente	<p>Meta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>– Estabelecer redes e parcerias nacionais e internacionais através de projetos conjuntos de pesquisa.</li> </ul>

Tabela 31 - Autoavaliação – Letras

(conclusão)

ENTREVISTA	
Pontos fortes	Harmonia nas linhas de pesquisa; Defesa dos alunos de mestrado e doutorado no prazo.
Pontos fracos	Disponibilidade na produção; Projeto individual para a internacionalização.
Meta	Projeto de internacionalização para o programa.

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

### 5.3 Fichas de avaliação – triênio 2007-2009/2010

Nesta etapa da pesquisa, verificou-se como são avaliados, externamente (fichas de avaliação), os cursos de pós-graduação da UFSM, sob a ótica da internacionalização. As fichas de avaliação são os resultados obtidos através da coleta de dados informados pelos cursos de pós-graduação. Para chegar aos dados compilados da ficha de avaliação, os coordenadores inserem as formações em um sistema intranet de avaliação, chamado de Sistema Coleta CAPES (Anexo 1). No primeiro momento, os coordenadores dão início ao Curso de Pós-graduação, realizando o cadastro do corpo docente, discente e dos participantes externos. Após, são inseridos os dados referentes ao planejamento e à execução do curso e, com isso, permite-se avaliar a consistência e a consolidação do curso. Nesse momento, estão introduzidos a proposta do programa, as linhas de pesquisa, os projetos, as disciplinas, as turmas, os trabalhos de conclusão, a produção intelectual e o fluxo discente. Já no terceiro momento, é possível gerar relatórios, tanto de conferência como de consolidação dos dados obtidos. A partir destes relatórios, são geradas as fichas de avaliação. Presentes neste sistema intranet de avaliação estão, ainda, os utilitários, que são ferramentas de auxílio para a inserção das informações, como: pendência de aproveitamento, importação/exportação de dados, cópia de segurança, verificação de erros, aproveitamento de Curriculum Lattes, mudança de ano base, iniciação de preenchimento dos dados no sistema.

Nas fichas de avaliação, geradas pelos dados inseridos no Sistema Coleta CAPES, estão identificados os itens de avaliação apreciados pela CAPES. Estão

contidas nas fichas os seguintes quesitos: proposta do programa: corpo docente; corpo discente, teses e dissertações: produção intelectual; inserção social (Anexo 2).

A seguir, apresentam-se os resultados das fichas de avaliação, por curso e com as respectivas referências da internacionalização.

Tabela 32 - Fichas de avaliações por curso

(continua)

AGRONOMIA	
Quesitos	Referência de internacionalização
Proposta do programa	–
Corpo docente	O programa indica a existência de parceiras, intercâmbios e interações com outros programas e outras universidades do país e do exterior.
Corpo discente, teses e dissertações.	–
Produção intelectual	–
Inserção social	O programa tem participação efetiva de cooperação e intercâmbios sistemáticos, além de participação em projetos de cooperação entre programas.
CIÊNCIA DO SOLO	
Quesitos	Referência de Internacionalização
Proposta do programa	–
Corpo docente	O programa possui inúmeras parceiras, intercâmbios e interações com outros programas e outras universidades do país e do exterior.
Corpo discente, teses e dissertações	–
Produção intelectual	–
Inserção social	Os docentes participam como coorientadores de doutorado na Argélia, além de participarem de projetos de cooperação no exterior.
ENGENHARIA FLORESTAL	
Quesitos	Referência de internacionalização
Proposta do programa	–
Corpo docente	O programa indica a existência de parceiras, intercâmbios e interações com outros

Tabela 33 - Fichas de avaliações por curso

(continuação)

	programas e outras universidades do país e do exterior.
Corpo discente, teses e dissertações.	–
Produção intelectual	–
Inserção social	-
MEDICINA VETERINÁRIA	
Quesitos	Referência de internacionalização
Proposta do programa	–
Corpo docente	O programa indica a existência de parceiras, intercâmbios e interações com outros programas e outras universidades do país e do exterior.
Corpo discente, teses e dissertações.	–
Produção intelectual	–
Inserção social	O programa participa efetivamente de cooperação e intercâmbios sistemáticos, além de participação em projetos de cooperação entre programas.
ZOOTECNIA	
Quesitos	Referência de internacionalização
Proposta do programa	–
Corpo docente	–
Corpo discente, teses e dissertações	–
Produção intelectual	–
Inserção social	O programa apresenta alguns convênios de cooperação nacional, e recomenda que seja intensificada essa ação, bem como a inserção internacional. Deve ser estimulado o treinamento de docentes em pós-doutoramento, sobretudo no exterior.
QUÍMICA	
Quesitos	Referência de internacionalização
Proposta do programa	Programas de intercâmbio internacional
Corpo docente	–
Corpo discente, teses e dissertações	–
Produção intelectual	Elevada produção científica internacional
Inserção social	Programas institucionais de colaboração internacional

Tabela 34 - Fichas de avaliações por curso

(conclusão)

BIOQUÍMICA TOXICOLÓGICA	
Quesitos	Referência de internacionalização
Proposta do programa	O programa tem colaborações com outras instituições nacionais e iniciou colaborações internacionais.
Corpo docente	–
Corpo discente, teses e dissertações	–
Produção intelectual	–
Inserção social	–
ENGENHARIA ELÉTRICA	
Quesitos	Referência de Internacionalização
Proposta do programa	–
Corpo docente	Pós-doutoramento no exterior
Corpo discente, teses e dissertações.	–
Produção intelectual	–
Inserção social	–
LETRAS	
Quesitos	Referência de internacionalização
Proposta do programa	Convênios internacionais e esforço do corpo docente para internacionalização
Corpo docente	Participação docente em associações internacionais
Corpo discente, teses e dissertações	–
Produção intelectual	–
Inserção social	Alguns intercâmbios internacionais

Fonte: Adaptado de Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (2010).

Observa-se que todos os quesitos foram identificados com exceção das lacunas em branco, pois não foram evidenciadas as referências por internacionalização.

## 5.4 Entrevistas

Nesta etapa de análise da pesquisa, demonstram-se quais são as perspectivas dos coordenadores/gestores com relação à internacionalização do seu curso. Foram realizadas três perguntas (Anexo 4) a respeito da sua percepção, na posição de gestor, quanto à internacionalização do seu curso, que foram: quais os aspectos/fatores facilitadores da internacionalização? Quais as principais restrições (fatores restritivos) da internacionalização? Quais as perspectivas do fortalecimento da internacionalização? Para complementar as percepções dos gestores, foi acrescida uma pergunta sobre as ações que vêm sendo desenvolvidas para o incremento da internacionalização.

Os cursos/programas foram numerados e não identificados por nome a fim de preservá-los e para melhor analisar as respostas às perguntas realizadas.

Na primeira pergunta feita aos gestores, sobre os aspectos facilitadores para o incremento da internacionalização dos seus cursos, houve uma divergência no entendimento da pergunta por parte dos entrevistados. A intenção da pergunta era identificar quais aspectos facilitadores o curso possui e não quais o entrevistado desejava que o curso tivesse.

Nos aspectos facilitadores existentes nos cursos, existem pontos positivos, no sentido da potencialidade que os cursos desenvolvem. Estas potencialidades foram identificadas nas suas falas que a existência de contatos é um aspecto facilitador na formação acadêmica no exterior, no esforço de receber estudantes estrangeiros, nas linhas de pesquisas e nos editais da CAPES: “[...] no nosso caso existe uma formação de várias pessoas no exterior. Isto facilita o contato com pesquisadores no exterior”; “[...] a qualificação e o reconhecimento que alguns professores tem, então esses professores acabaram desencadeando alguns convênios com alguns países e isso de alguma maneira, cria uma espécie de, desencadeia uma sequência de contatos que acabam se refletindo nesse processo de internacionalização”; “[...] nós temos muito contato de alunos estrangeiros, principalmente latinos da América central, mostrando interesse em ser alunos do programa, principalmente de fazer mestrado e doutorado”; “[...] este ponto forte do programa tem que fique saliente, seria essa aproximação, uma dedicação dos professores a receber estudantes

estrangeiros”; “[...] os facilitadores são exatamente as nossas linhas de pesquisa, são pesquisas, são linhas que estão em, tem gente trabalhando em vários lugares do mundo”; “[...] é a grande quantidade de editais que a CAPES tem de convênio. Que a CAPES patrocina ou que ela disponibiliza”.

No sentido de o quê o coordenador/gestor espera como aspectos facilitadores foi identificado, em suas falas, o desejo de ter infraestrutura, política institucional e bolsas: “[...] um aspecto fundamental é se nós tivéssemos na nossa universidade, oferecesse de uma forma organizada é óbvio e planejada, moradia... eu sei que algo é complicado, mas é facilitador tanto para alunos de pós-graduação como para pesquisadores [...] ter o mínimo de infraestrutura”; “eu acho que passa pela política institucional. Se a universidade tem uma política clara sobre isso e que isso se concretize em estimular que esses convênios, esses acordos sejam feitos, que os professores, que os programas se insiram nas políticas de internacionalização”; “[...] é oferecer bolsas. Oferecer alguma vantagem dentro de projetos, enfim, oferecer oportunidades futuras, profissionais ligados com empresas no Brasil e no exterior, que possam vincular também os projetos que vão estar sendo executados pelos alunos de pós-graduação”.

Na segunda pergunta da entrevista realizada com os coordenadores/gestores, que abordou os fatores restritivos da internacionalização de seus cursos, houve recorrência quanto à questão da infraestrutura da língua estrangeira. Um dos coordenadores considerou a infraestrutura como aspecto facilitador e restritivo. Afirmam os gestores: “nós estamos sem telefone, [...] nossa internet é caótica, [...] só temos um funcionária. Então, quer dizer, cobram da gente uma macroatividade e a gente tem uma microinfraestrutura que instituição precisa resolver”; “[...] é o espaço físico para alunos de pós-graduação... Porque você precisa de uma sala para os alunos trabalhar, e não é botar uma sala, botar cinco alunos, dez alunos lá dentro. [...] Isso ninguém faz uma tese de doutorado”; “[...] ela decorre do domínio da língua estrangeira, que talvez assim se para os professores já existe algumas dificuldades”; “As restrições muito é a língua realmente”.

Destacaram-se, quanto ao aspecto da infraestrutura, a posição geográfica, a vontade dos professores, o suporte do departamento e da instituição, a organização didática e a inserção em cima do pesquisador: “[...] as restrições podem começar pelos professores, passa por essa questão do departamento e da instituição, que, às vezes, não tá muito, como um todo, assim, dando suporte para a pós-

graduação”; “[...] a saída de um professor para fora, no exterior, ele mexe com toda a distribuição de encargos didáticos. Alguém tem que assumir as disciplinas desse professor, já que não é possível ter substituto para esse tipo de ação. ... tu saindo, alguém vai se sobrecarregar”

Ainda:

[...] a restrição é a chegada a Santa Maria [...] e Santa Maria cria uma dificuldade de traslado, de movimentação, então, a posição de Santa Maria é, hoje, do ponto de vista de acesso a cidade, ela é um elemento fortemente restritivo para quem vai fazer escolha (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013)

Outro gestor expôs:

ela começa lá no professor, se o professor não tá a fim de se internacionalizar, ou porque não sabe inglês, ou porque não tá a fim, ou porque não adianta, tu não vai conseguir internacionalizar nenhum curso, e muita, e no meu curso às vezes a gente se esbarra um pouco nisso, no professor dizer não (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013).

E, ainda:

As principais restrições. Eu acho que isso aí deixa toda responsabilidade da inserção em cima do Pesquisador. Ele tem que providenciar dinheiro. Ele tem que providenciar a infraestrutura. Ele tem que providenciar acomodação. Não existe um programa da Universidade favorecendo isto, colocando regras e condições para pessoa favorecer esta inserção (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013).

Observou-se, como aspecto restritivo, a legislação, a inexistência de bolsas e as ações individuais: “o aluno estrangeiro vir sem bolsa é difícil... nós não temos bolsa”; “[...] se esbarra na legislação, pois a legislação não permite que se faça editais separados. Vamos supor que tem um critério de seleção para aluno brasileiro e um critério para aluno estrangeiro”.

[...] as ações individuais. Eu acho muito individual, não se pensa no conjunto... se isso não tiver pensado como uma ação dentro de um grande projeto, se é só algo que eu consegui pela minha experiência de internacionalização, pela minha relação com as instituições do exterior, eu acho que tem que ser uma política do programa para poder ter essa cara de internacionalização (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013).

Ressaltou-se, na percepção dos coordenadores/gestores, como aspecto restritivo, o medo do desafio e o significado de internacionalizar:

Num segundo momento qual é a percepção que a gente teve? É talvez, assim, aquele medo do desafio de enfrentar uma dificuldade. Então, no momento, que tanto os professores como estudantes estão confortáveis dentro do seu trabalho = confortável no sentido que já existe uma rotina de trabalho, já existe uma rotina de relações, de atividades -, muitas vezes essa, essa demanda ele envolve a pessoa no seu tempo integral de, de ações que tem que desenvolver. Você sair dessa rotina e enfrentar essa dificuldade é um desafio (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013).

Nas perspectivas da internacionalização de seus cursos, os entrevistados evidenciaram alguns incrementos, como: internacionalização em longo prazo, visibilidade internacional, conscientização da internacionalização e ações de internacionalização e fortalecimentos: “vamos ser um curso com visibilidade internacional e a gente percebeu que isso não é uma tarefa fácil nem rápida e ela leva um tempo para as coisas acontecerem e elas estão acontecendo”; “o que a gente tem pensado pelo menos de perspectiva é que a gente consiga, por exemplo focar as interações e conscientizar os professores da necessidade disso”.

Eu não acredito que haja perspectivas de se desenvolver isso [a internacionalização] no quadro em que nós estamos hoje. Hoje nós temos uma situação que praticamente 100 % dos alunos de Doutorado tem bolsa. Há recursos em relação aos anos passados, há recursos, quero dizer as condições são boas para fazer pós-graduação, mas isso se restringe a clientela tradicional, alunos nossos, brasileiros, possibilidade de inserção de alunos estrangeiros neste contexto é muito pequena (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013)

Ainda:

[...] a minha perspectiva é que a gente deveria internacionalizar e trazer professores por mais tempo, trazer professores visitantes, trazer professores para fazer estágio pós-doutoral aqui, ou estágios em laboratórios com mais tempo. Vir dar um seminário. A gente traz seguido professores do exterior para fazer seminários curtos, mas isso não cria uma inserção, e não consolida as relações entre instituições, entre a nossa instituição e a do exterior, o interessante seria fazer isso de modo mais, por um período mais extenso (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013).

Os coordenadores/gestores apontaram, ainda, as melhorias de infraestruturas, a contratação de docentes, os fortalecimentos de convênios, o resgate de contatos, a política governamental, a criação de condições, de cultura e tradição de intercâmbios e a transformação interna: “eu vejo a perspectiva à contratação de professores, já pensando nesse lado, que façam a pós-graduação”; “a perspectiva que a gente tem agora, trabalhando com a aprovação desse Ciência sem Fronteiras, com a Universidade dos Estados Unidos e mais com a Itália, é

fortalecer esses três convênios”; “[...] como eu tenho uma grande quantidade de alunos formados e eles estão espalhados por vários locais, inclusive no exterior, a tendência é resgatar estes contatos que já está ocorrendo e através, principalmente, deste programa Ciência sem Fronteiras, e articular a duração de intercâmbios”; “a perspectiva é que nós vamos com a maré. Então se a maré é favorável, isto é, os governos, esperamos que os governos ofereçam planos, esperamos oportunidades”.

Um dos gestores afirmou, ainda:

[...] talvez a instituição tem que estar mais preparada para isto. E o programa pode até fazer, resolve, mas o problema é a universidade é a porta, não é programa a entrada. Você entra pela a universidade, então neste aspecto a universidade tem dificuldades. Quer dizer, este é o principal fator limitante é esse aí, quer dizer a instituição não está preparada para isso, em todos os aspectos (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013).

Outro afirmou que:

[...] envolvimento do corpo docente e de servidores da nossa universidade e aí é fundamental e aí eu to falando de servidor, porque é fundamental dentro desses grupos os servidores, os técnicos que estão envolvidos nesses laboratórios, também participar da internacionalização... é uma questão cultural, uma questão de tradição aonde você, pode ter cultura, ter uma tradição com vários centros de vários países... nós temos que criar essas condições, criar essa cultura e criar essa tradição (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013).

Nas entrevistas, ainda foi constatado que:

Uma universidade *full*, plena, completa, aonde nós sabemos o nosso papel e sabemos que o nosso papel é ter relações internas e externas, internas com nos mesmos uma forte ligação interna, mas também forte relação com o mundo se inserindo, tendo essa visão global mas tendo uma atuação forte local, que é aqui que nós inserimos, tudo isso é feito para nós termos melhores profissionais, melhores professores, melhores servidores e melhores formadores de recursos humanos. É isso que a nossa sociedade precisa. Tudo é feito para isso, não é pra preencher currículo, não é pra simplesmente divulgar a temática, ou conseguir recursos, mas para que nós realmente nos transformamos e transformamos nos mesmos transformando, então, a nossa universidade e, com isso, a nossa sociedade (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013).

Nesta pergunta da perspectiva para o fortalecimento da internacionalização do curso, um dos entrevistados identificou negativamente a sua perspectiva:

É, tudo gira na mesma história, por exemplo, a minha perspectiva é que os professores não vão aprender inglês, então essa parte da

internacionalização que depende do conhecimento da língua não vai acontecer. A minha expectativa, vamos dizer assim, de que o curso avance muito em termos de internacionalização, eu não acredito (ENTREVISTA DADA À PESQUISADORA, 2013).

Apresenta-se um quadro síntese das percepções dos coordenadores/gestores no que se refere à internacionalização de seu curso (Tabela 21)

Tabela 35 - Resumo dos aspectos facilitadores, aspectos restritivos e perspectivas

(continua)

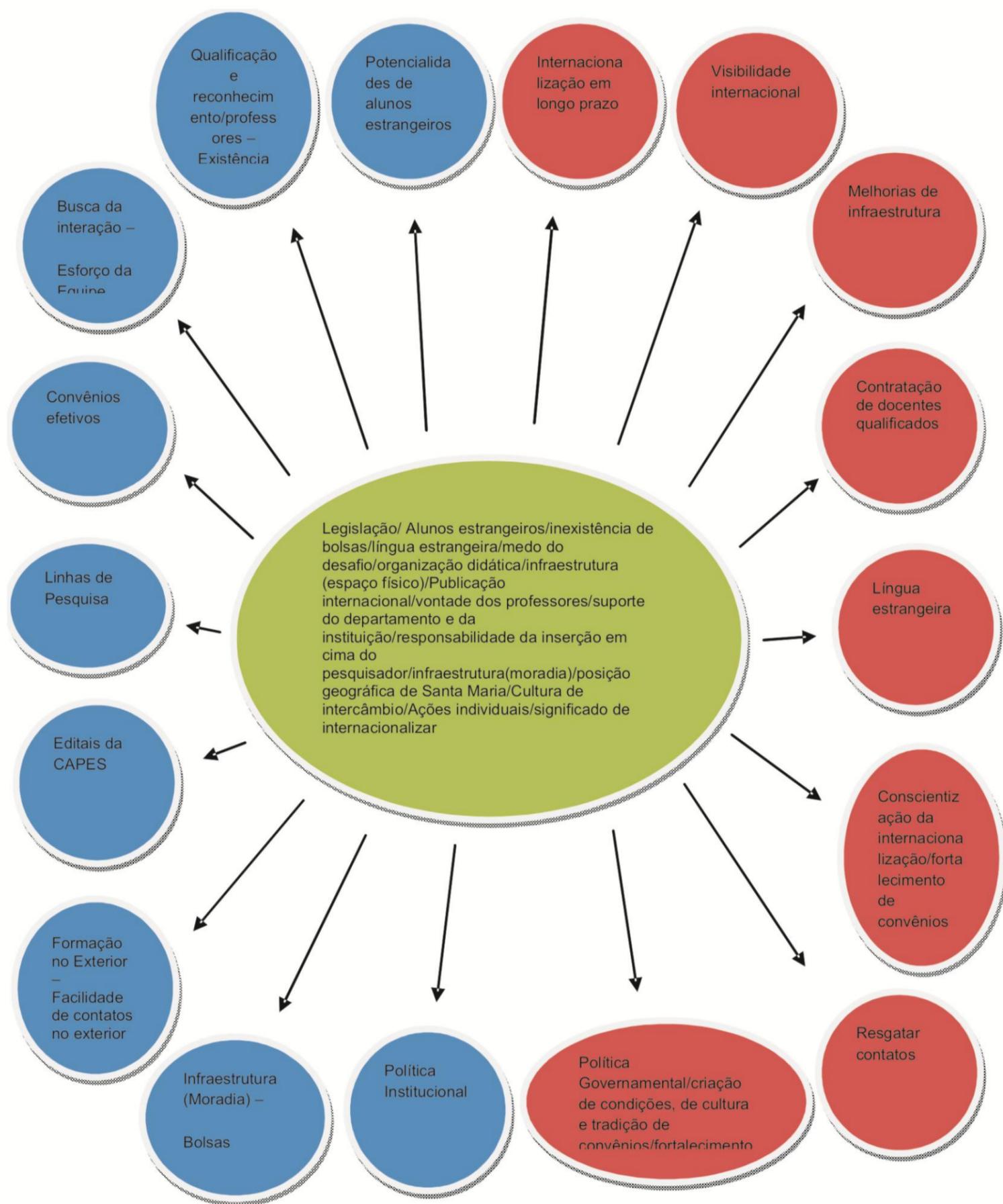
<b>Entrevista/ Programas</b>	<b>Fatores facilitadores</b>	<b>Fatores restritivos</b>	<b>Perspectivas</b>
Programa 1	– Potencialidade de alunos estrangeiros.	– Legislação; – Alunos estrangeiros; – Inexistência de bolsa.	– Internacionalização em longo prazo.
Programa 2	– Qualificação e reconhecimento de alguns professores; – Existência de editais.	– Língua estrangeira; – Medo do desafio; – Organização didática.	– Visibilidade Internacional.
Programa 3	– Busca da interação; – Esforço da equipe.	– Infraestrutura (espaço físico); – Publicação Internacional.	– Melhorias da infraestrutura.
Programa 4	– Convênios efetivos.	– Língua estrangeira.	– Contratação de docentes qualificados.
Programa 5	– Linha de Pesquisa	– Infraestrutura.	– Língua Estrangeira.
Programa 6	– Editais da CAPES; – Programa Ciência Sem Fronteiras.	– Vontade dos Professores; – Suporte do Departamento e da instituição; – Vontade dos professores.	– Conscientização da internacionalização; – Fortalecimento de convênios.
Programa 7	– Formação no exterior; – Facilidade de contatos no exterior; – Aporte da direção.	– Responsabilidade da inserção em cima do pesquisador.	– Resgatar contatos.

Tabela 36 - Resumo dos aspectos facilitadores, aspectos restritivos e perspectivas  
(conclusão)

Programa 8	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Infraestrutura (Moradia);</li> <li>- Bolsas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Infraestrutura (moradia);</li> <li>- Posição geográfica de Santa Maria;</li> <li>- Cultura de intercâmbio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Política Governamental;</li> <li>- Criação de condições, de cultura e tradição de intercâmbios;</li> <li>- Transformação interna.</li> </ul>
Programa 9	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Política Institucional.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ações individuais;</li> <li>- Significado de internacionalizar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ações de internacionalização;</li> <li>- Fortalecimento de relações.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela Autora (2013)

Destaca-se que a Qualificação do Corpo Docente, Discente e Técnico, a Infraestrutura e o domínio de língua estrangeira são os principais fatores limitadores e foco das perspectivas dos gestores.



- Fatores facilitadores
- Fatores Restritivos
- Perspectivas

Figura 2 – Diagrama explicativo da tabela 21.

Fonte: Elaborado pela Autora (2013)

A demanda por internacionalização existe e é premente nos programas de pós-graduação da UFSM, evidenciado não só nos documentos de áreas e nas fichas de avaliação da CAPES, mas também nas autoavaliações e na percepção dos coordenadores dos cursos. Em todos os dados colocados, percebe-se a necessidade de que os cursos internacionalizem-se devido à pressão interna nas autoavaliações, bem como à pressão externa da avaliação da CAPES. Os cursos de pós-graduação, independentemente de sua área, estão promovendo ações que visam o desenvolvimento da internacionalização dos seus cursos. Nas entrevistas realizadas, este desenvolvimento é demonstrado através das atividades que vêm sendo desenvolvidas para o incremento da internacionalização. As principais ações desenvolvidas pelos cursos são a formação de recursos humanos, a manutenção de convênios internacionais e as melhorias nas publicações internacionais. Estas ações estão em simetria com as exigências da avaliação da CAPES. O quadro abaixo está descrito um panorama geral destas atividades desenvolvidas (Tabela 22).

Tabela 37 - Ações em desenvolvimento

(continua)

<b>Entrevista/ Cursos</b>	<b>Ações em Desenvolvimento</b>
Programa 1	– Ações pontuais de orientadores.
Programa 2	– Planejamento de estágios sanduíches no exterior para alunos; – Reformulação do regulamento interno.
Programa 3	– Melhorias nas publicações; – Incentivo de alunos ao doutorado sanduíche.
Programa 4	– Publicação internacional; – Convênios internacionais.
Programa 5	– Pós-doutorado no exterior; – Domínio da língua Estrangeira.
Programa 6	– Manutenção de intercâmbios; – Comissão externa de avaliação; – Concentração das linhas de pesquisa.
Programa 7	– Formação de alunos; – Domínio da língua estrangeira; – Interação dos grupos de pesquisa.

Tabela 38 - Ações em desenvolvimento

(conclusão)

Programa 8	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Convênios simétricos;</li> <li>- Incentivo a realização de pós-doutorado;</li> <li>- Divulgação de estratégias bem sucedidas.</li> </ul>
Programa 9	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Convênios;</li> <li>- Ações das linhas de pesquisa</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela Autora (2013)

Verifica-se que existe uma grande preocupação dos Cursos com os desafios da internacionalização, portanto, com a demanda exigida não só na avaliação externa, mas nas diretrizes internas. Este posicionamento está operacionalizado nas inúmeras ações acima descritas.

## 6 CONCLUSÕES

A Avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é o princípio norteador para a consolidação dos cursos de pós-graduação das universidades brasileiras. O seu sistema de Avaliação proporciona reconhecimento e estímulo do fomento com bases na definição de políticas e de critérios para o credenciamento dos cursos de pós-graduação.

A análise da avaliação externa, realizada pelos documentos de área e pelas fichas de avaliação da CAPES, demonstrou a exigência e a cobrança no tocante à internacionalização dos cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), principalmente no que se refere a sua produção intelectual e inserção internacional com vistas à busca de desempenho equivalente aos dos centros internacionais de excelência.

Quanto à avaliação interna, este estudo proporcionou análise da autoavaliação dos programas de pós-graduação da UFSM. Foi observado que há uma grande preocupação desses Programas em relação à sua manutenção, ao seu crescimento, ao seu fortalecimento e à consolidação de sua internacionalização. Essa preocupação está evidenciada nos resultados da sua autoavaliação, seja através do aumento de parcerias internacionais, da busca de capacitação de seu corpo docente e discente no exterior ou da busca do aumento de sua produção científica internacional.

Na análise das entrevistas realizadas com os coordenadores/gestores dos cursos, percebeu-se que, segundo suas percepções, existem mais fatores restritivos do que aspectos facilitadores para que se incremente a internacionalização. No entanto, existem muitas expectativas para que isso aconteça. Os entrevistados acreditam que as ações que estão sendo desenvolvidas venham ao encontro do fortalecimento da internacionalização nos seus Cursos e da demanda de produção exigida pela CAPES.

No âmbito Governamental, estão sendo propostas iniciativas que promovem a internacionalização da Educação Superior, seja através das agências tradicionais de fomento, como a CAPES e o Conselho Nacional De desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desenvolvendo Editais de parcerias internacionais, seja com a

implantação do Programa Ciência sem Fronteiras, que cria a possibilidade não só de formar recursos humanos na graduação e na pós-graduação, mas também de trazer pesquisadores estrangeiros para um intercâmbio de conhecimentos.

No âmbito interno, a UFSM está tentando criar mecanismos de instrumentalização para os seus programas de pós-graduação a fim de que estes atinjam a excelência acadêmica. Um desses mecanismos foi à promoção de um Seminário de Avaliação e Planejamento desses Programas. A Instituição demonstra ainda uma visão estratégica na consolidação de seus Programas de Pós-Graduação, através de seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

Como sugestões para contribuir neste importante processo de internacionalização dos cursos de pós-graduação da UFSM, registram-se: realização de seminários de sensibilização com a comunidade acadêmica sobre essa temática; e conscientização do corpo discente e técnico sobre o que é internacionalizar, o porquê de internacionalizar e como internacionalizar os cursos de pós-graduação e a instituição como um todo. Outra sugestão é o planejamento e o investimento em uma política institucional de internacionalização permanente, baseado na sua infraestrutura, abrangendo aspectos como ensino de línguas em todos os segmentos, moradias para estrangeiros, central técnica para atender às demandas de editais em todos os quesitos exigidos e reformulação de sua regulamentação interna para atendimento das demandas da internacionalização.

Espera-se, com este estudo, estar contribuindo para a reflexão da importância da internacionalização nos cursos de pós-graduação, o desenvolvimento de instituições que buscam a sua qualificação e a de seus Cursos, bem como para o fornecimento de subsídios à tomada de decisões, à manutenção e ao aperfeiçoamento de suas estruturas e à busca de excelência internacional. Ainda, com o intuito de contribuir com uma política de internacionalização, acredita-se que este estudo possa fornecer indicadores para a realização de um diagnóstico da situação dos cursos de pós-graduação da UFSM que permita uma análise de suas potencialidades e vulnerabilidades e que, ao mesmo tempo, identifique as oportunidades e ameaças no cenário local, regional, nacional e internacional.

Dessa forma, este estudo abre espaço a uma futura investigação mais abrangente e apurada acerca da relevância da Política de internacionalização da UFSM e da posição elevada no cenário internacional da Educação Superior a que esta Política pode levar.

## REFERÊNCIAS

BALBACHEVSKY, E. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. In: BROCK, C.; SCHWARTZMAN, S. **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 285-314.

BATISTA, J. S. M. **O processo de internacionalização da instituição de ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia**. 2009. 256f. Dissertação (Mestrado em Administração)– Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009.

BRASIL. Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004. Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES e dá outras providências. Brasília: 14 abr. 2004. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/lei/10.861.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/10.861.htm). Acesso: 30 ago. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES. **Tabela de Áreas de Conhecimento**. Brasília: 2007. Disponível em <http://www.capes.gov.br/avaliacao/tabela-de-areas-de-conhecimento>. Acesso em: 30 ago. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES **Documentos de área**. Brasília: CAPES, 2010a. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/documentos-de-area->. Acesso em: 30 ago. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020** / Coordenação de Pessoal de Nível Superior. – Brasília: CAPES, 2010b. v.: II.; 28 cm.

BRASIL. Decreto nº 7.642 de 13 de dezembro de 2011. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Brasília, 13 dez. 2011: 190º da Independência e 123º da República.

BRASIL, Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, **Programa Ciências Sem Fronteiras**. Brasília: CAPES, 2012. Disponível em: <http://capes.gov.br/bolsas/bolsas-no-externo/ciencia-sem-fronteiras>. Acesso em: 13 out. 2011.

BRASIL, Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, **Relatório de Gestão 2004-2010**. Brasília, 2010c.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Conselho Técnico-Científico da Educação Superior**, 2013a. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/ctc>. Acesso em: 02 fev. 2013.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Coleta de dados**, 2013b. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/coleta-de-dados>. Acesso: 02 fev. 2013.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **História e Missão**, [s. d]. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>. Acesso em 30 ago. 2013.

FELIX, G. T. **Reconfiguração dos Modelos de Universidades Pelos Formatos de Avaliação: efeitos no Brasil e Portugal**. 2008. 294 f. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

FERREIRA, M. M.; MOREIRA, R. L. (Org.). **CAPES 50 anos: Depoimentos ao CPDOC/FGV**. Brasília: CAPES, 2002.

FONSECA, D. G. F. **Implicações do Exame nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) nos Processos Avaliativos Internos do Curso de Educação Física do IPA**. 2007. 294 f. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GUTIERRES, C. R. J. **A Faculdade Interamericana de Educação: projeto multinacional de aperfeiçoamento de pessoal especializado em Educação, 1970/1977**. 2001. 310 f. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade Federal de Santa Maria em Convênio com a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Santa Maria, 2001.

KNIGHT, J. An Internationalization Model: Responding to New Realities and Challenges. In: WIT, H. et al. (Eds). **Higher Education in Latin America: The International Dimension**. Washington: The World Bank, 2005.

MORHY, L. **Seminário de Relações Internacionais da UnB**. Brasília: UnB, 2005.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006.

MOROSINI, M. C.; LAUS, S. P. The Internacionalization of Higher Education in Brazil. In: WITT, H. et al (Eds.). **Higher Education in Latin America: The International Dimension**. Amsterdam: University of Amsterdam, 2005. p. 111-148.

OLIVEN, A. C. Histórico d Educação Superior no Brasil. In: SOARES, M. S. A. (org.), **A Educação Superior no Brasil**, Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior, 304p., 2002.

PEDROZO, N. G. **O Setor de Relações Internacionais das IFES e suas interfaces na universidade**. 2009. Palestra realizada na Associação Nacional de Dirigentes das Instituições de Ensino Superior/ANDIFES em set. de 2009.

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA. **Formulários**. 2010. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/prpgp/index.php/formularios>. Acesso em: 01 set 2013.

SCHUCH JÚNIOR, V. F. **Educação e Universidade, raízes históricas e situação brasileira**. 1. ed. Santa Maria: Vitor Schuch Jr., 1998.

SATALLIVIERI, L. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira**, Brasília, v. 24, n. 48-49, p. 35-57, 2003.

\_\_\_\_\_, **Estratégias de Internacionalização das Universidades Brasileiras**. Caxias do Sul: Educs, 2004.

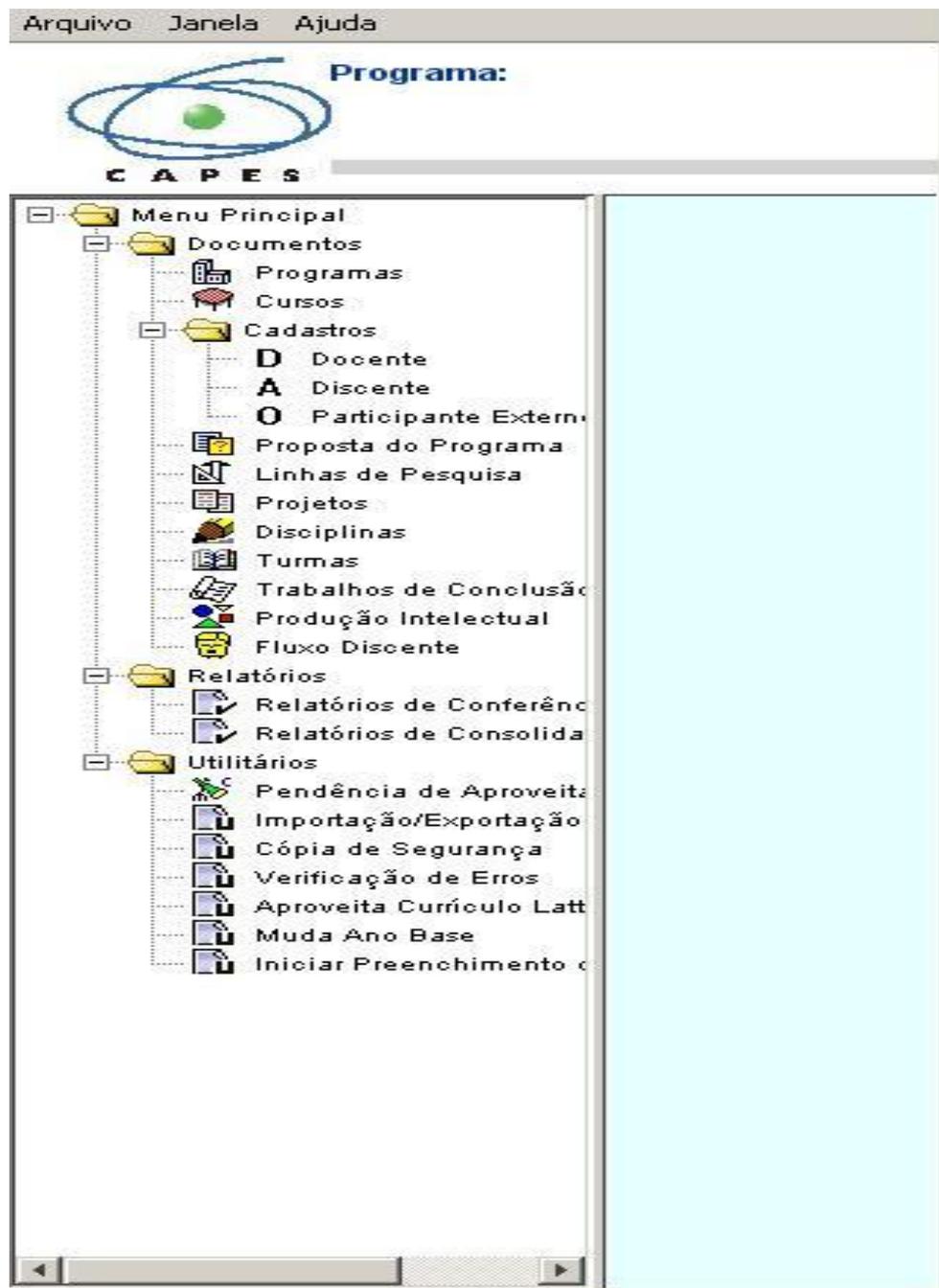
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Pós-Graduação – **Seminário Institucional de Avaliação e Planejamento da Pós-Graduação na UFSM**. Santa Maria, 09 e 10 de setembro de 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. Pró-Reitoria de Planejamento – **Plano de Desenvolvimento Institucional 2011/2015**. Santa Maria, abril de 2011.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 – Sistema Intranet de Avaliação - Coleta CAPES



## ANEXO 2 – Fichas de avaliação de programas de pós graduação

	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior	Ficha de Avaliação
---	---	--------------------

### Ficha de Avaliação do Programa

**Período de Avaliação:** \_\_\_\_\_ **Etapa:** \_\_\_\_\_

**Área de Avaliação:** \_\_\_\_\_

**IES:** \_\_\_\_\_

**Programa:** \_\_\_\_\_

**Modalidade:** \_\_\_\_\_

Curso	Nível	Ano Início

**Dados Disponíveis na Coleta de Dados**

Curso	Nível	Ano	Ano	Ano

#### PROPOSTA DO PROGRAMA

Itens de Avaliação	Peso	Avaliação
1.1. Coerência, consistência, abrangência e atualização das áreas de concentração, linhas de pesquisa, projetos em andamento e proposta curricular.	50.00	Bom
1.2. Planejamento do programa com vistas a seu desenvolvimento futuro, contemplando os desafios internacionais da área na produção do conhecimento, seus propósitos na melhor formação de seus alunos, suas metas quanto à inserção social mais rica dos seus egressos, conforme os parâmetros da área.	20.00	Muito Bom
1.3. Infra-estrutura para ensino, pesquisa e, se for o caso, extensão.	30.00	Muito Bom
<b>Comissão:</b>		<b>Bom</b>

**Apreciação**

<b>CORPO DOCENTE</b>		
<b>Itens de Avaliação</b>	<b>Peso</b>	<b>Avaliação</b>
2.1. Perfil do corpo docente, consideradas titulação, diversificação na origem de formação, aprimoramento e experiência, e sua compatibilidade e adequação à Proposta do Programa.	25.00	Bom
2.2. Adequação e dedicação dos docentes permanentes em relação às atividades de pesquisa e de formação do programa	45.00	Bom
2.3. Distribuição das atividades de pesquisa e de formação entre	20.00	Muito Bom

9/10/10 5:19 PM

Página 1 de 4



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Ficha de Avaliação

### Ficha de Avaliação do Programa

os docentes do programa.

2.4. Contribuição dos docentes para atividades de ensino e/ou de pesquisa na graduação, com atenção tanto à repercussão que este item pode ter na formação de futuros ingressantes na PG, quanto na formação de profissionais mais capacitados no plano da graduação.	10.00	Muito Bom
---	-------	-----------

<b>Comissão:</b>	<b>Bom</b>
------------------	------------

Apreciação

**CORPO DISCENTE, TESES E DISSERTAÇÕES**

Itens de Avaliação	Peso	Avaliação
3.1. Quantidade de teses e dissertações defendidas no período de avaliação, em relação ao corpo docente permanente e à dimensão do corpo discente.	20.00	Muito Bom
3.2. Distribuição das orientações das teses e dissertações defendidas no período de avaliação, em relação aos docentes do programa.	15.00	Muito Bom
3.3. Qualidade das Teses e Dissertações e da produção de discentes autores da pós-graduação e da graduação (no caso de IES com curso de graduação na área) na produção científica do programa, aferida por publicações e outros indicadores pertinentes à área	50.00	Muito Bom
3.4. Eficiência do Programa na formação de mestres e doutores bolsistas: Tempo de formação de mestres e doutores e percentual de bolsistas titulados.	15.00	Muito Bom
<b>Comissão:</b>		<b>Muito Bom</b>

**Apreciação**

A proporção média de titulação no triênio foi de 56,1%, considerada muito boa pelos padrões da Área, com queda razoavelmente acentuada no último ano (40%); a proporção média de discentes autores é de 64,8%, considerada muito boa para a Área; e o tempo médio de titulação foi de 25,7 meses, considerada muito boa para a Área.

**PRODUÇÃO INTELECTUAL**

Itens de Avaliação	Peso	Avaliação
4.1. Publicações qualificadas do Programa por docente permanente.	55.00	Muito Bom
4.2. Distribuição de publicações qualificadas em relação ao corpo docente permanente do Programa.	30.00	Bom

Ficha de Avaliação



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**Ficha de Avaliação do Programa**

		Comissão:	Bom
<b>Apreciação</b>			
A pontuação anual média por docente permanente foi de 71,5 pontos (considerada muito boa para a Área) e 73% dos docentes permanentes superam os 150 pontos trienais (o que é considerado bom pela Área). Porém a publicação em periódicos de mais alto impacto basicamente inexistente. A produção técnica resume-se ao usual, como: apresentação de trabalhos em eventos e avaliação de trabalhos para eventos e revistas.			
<b>INSERÇÃO SOCIAL</b>			
Itens de Avaliação	Peso	Avaliação	
5.1. Inserção e impacto regional e (ou) nacional do programa.	50.00	Muito Bom	
5.2. Integração e cooperação com outros programas e centros de pesquisa e desenvolvimento profissional relacionados à área de conhecimento do programa, com vistas ao desenvolvimento da pesquisa e da pós-graduação.	30.00	Bom	
5.3 - Visibilidade ou transparência dada pelo programa à sua atuação.	20.00	Muito Bom	
		<b>Comissão:</b>	<b>Muito Bom</b>
<b>Apreciação</b>			



## Ficha de Avaliação do Programa

### Complementos

#### Apreciações ou sugestões complementares sobre a situação ou desempenho do programa.

Rever as linhas de pesquisa de forma a contemplar um mínimo de 4 docentes por linha e com produção intelectual que as respalde.

#### Recomendações da Comissão ao Programa.

A CAPES deve promover visita de consultores ao Programa?

Não

Justificativa da recomendação de visita ao programa.

A Comissão recomenda mudança de área de avaliação?

Não

Área Indicada:

Justificativa da recomendação de mudança de área de avaliação do programa (em caso afirmativo)

### Nota CTC-ES

Data Chancela: 09/09/2010

Nota CTC-ES: 4

### Apreciação

O CTC endossa o parecer da comissão de área e confirma a atribuição do conceito 4.

Comissão Responsável pela Avaliação:

Sigla IES

## ANEXO 3 – Documentos de Área



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES  
Diretoria de Avaliação - DAV

### DOCUMENTO DE ÁREA 2009

Identificação		
Área de Avaliação:		
Coordenador de Área:		
Coordenador-Adjunto de Área:		
Modalidade:		
I. Considerações gerais sobre o estágio atual da Área		
II. Considerações gerais sobre a Ficha de Avaliação para o Triênio 2007-2009		
III. Considerações gerais sobre o Qualis Periódicos, Roteiro para Classificação de Livros e os critérios da Área para a estratificação e uso dos mesmos na avaliação		
IV. Ficha de Avaliação para o Triênio 2007-2009		
Quesitos / Itens	Peso	Definições e Comentários sobre o Quesito/Itens
1 – Proposta do Programa		
2 – Corpo Docente		
3 – Corpo Discente, Teses e Dissertações		
4 – Produção Intelectual		
5 – Inserção Social		
V. Considerações e definições sobre atribuição de notas 6 e 7 – inserção internacional		

## ANEXO 4 - Protocolo de Entrevista

### 1-Dados Cadastrais:

Nome:
Cargo:
Função:
Onde foi obtido o seu título de Doutorado?
Realizou estágio pós-doutoral?
Onde realizou seu estágio pós-doutoral?

2-Considerando as autoavaliações realizadas nos seminários de Planejamento e Avaliação da Pós-graduação, realizadas na UFSM, bem como as discussões internas no âmbito do curso:

Qual o principal ponto forte do curso?
Qual o principal ponto fraco do curso?
Qual a meta principal do curso?

3-As perguntas a seguir serão baseadas na sua posição de gestor.

Quais são os aspectos/fatores facilitadores para o incremento da internacionalização do seu curso?
Quais as principais restrições para o desenvolvimento da internacionalização do curso?
Qual a sua perspectiva, como gestor, para o fortalecimento da internacionalização de seu curso?

4-Liste, a seguir, as principais ações que estão em desenvolvimento para o incremento da internacionalização do seu curso:

Nº	Ações em desenvolvimento
01	
02	
03	
04	
05	
06	
07	
08	
09	
10	

## ANEXO 5 – Ficha de dados do seminário de autoavaliação

### DOCUMENTO DO PROGRAMA

Nome do programa →	
Ano de início do mestrado →	
Ano de início do doutorado →	
Ano de início do mestrado profissional →	
Conceito do programa - triênio 2004-2006 →	

### EIXO 1 - PROPOSTA DO PROGRAMA

#### Definição dos objetivos do programa

##### Metas

Meta	Viabilidade	Ameaças Internas	Ameaças Externas	Prioridade

### EIXO 2 - CORPO DOCENTE

#### Número de professores permanentes

2006	2007	2008	2009

#### Número de professores colaboradores

2006	2007	2008	2009

#### Número de professores com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq

2006	2007	2008	2009

#### Pontos fortes

--

**Pontos fracos**

--

**Metas**

Meta	Viabilidade	Ameaças Internas	Ameaças Externas	Prioridade

**EIXO 3 - ATIVIDADES DE PESQUISA****Número de linhas de pesquisa**

2007	2008	2009	2010

**Número de projetos de pesquisa**

2007	2008	2009	2010

**Pontos fortes**

--

**Pontos fracos**

--

**Metas**

Meta	Viabilidade	Ameaças Internas	Ameaças Externas	Prioridade

**EIXO 4 - PRODUÇÃO INTELECTUAL**

Produção intelectual conforme relatório da CAPES no período de 2006 a 2009:  
(extrair da Coleta em Relatórios/Relatórios de Consolidação)

	2006	2007	2008	2009
<b>Trabalhos completos em periódicos</b>				
<b>Trabalhos completos em periódicos</b>				

<b>com autores discentes</b>				
<b>Anais completos</b>				
<b>Produção artística</b>				
<b>Produção técnica</b>				
<b>Livro</b>				
<b>Capítulo de livro</b>				

Relação porcentual existente entre o número de teses, dissertações e trabalhos publicados em periódicos com a participação de discentes.

--

#### **Pontos fortes**

--

#### **Pontos fracos**

--

#### **Metas**

<b>Meta</b>	<b>Viabilidade</b>	<b>Ameaças Internas</b>	<b>Ameaças Externas</b>	<b>Prioridade</b>

### **EIXO 5 - ATIVIDADES DE FORMAÇÃO**

#### **MESTRADO**

	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>
Números de candidatos inscritos para seleção				
Números de discentes matriculados (total)				
Números de discentes titulados				
Números de bolsas CAPES				
Números de bolsas REUNI				
Número de bolsas do CNPq (cota curso + cota pesquisador)				
Outras bolsas				

**DOUTORADO**

	2007	2008	2009	2010
Número de candidatos inscritos para seleção				
Número de discentes matriculados (total)				
Número de discentes titulados				
Números de bolsas CAPES				
Números de bolsas REUNI				
Número de bolsas do CNPq (cota curso + cota pesquisador)				
Outras bolsas				

**MESTRADO PROFISSIONAL**

	2007	2008	2009	2010
Número de candidatos inscritos para seleção				
Número de discentes matriculados (total)				
Número de discentes titulados				

**O Programa trabalha com a possibilidade de aumento do número de discentes matriculados?** Sim

Indicar porcentagem aproximada –

Mestrado:

Doutorado:

Mestrado Profissional:

 Não

Analisar fatores limitantes:

**Pontos fortes**

--

**Pontos fracos**

--

**Metas.** Propor metas a serem alcançadas pelo programa nos próximos cinco anos. Para cada uma delas, listar os pontos fortes (viabilidade), as possíveis ameaças internas e externas a sua concretização e indicar a prioridade.

<b>Meta</b>	<b>Viabilidade</b>	<b>Ameaças Internas</b>	<b>Ameaças Externas</b>	<b>Prioridade (de 1 a 5)</b>

## **EIXO 6 - DESTINO DOS MESTRES E DOUTORES EGRESSOS**

### **Total de egressos**

Porcentual de egressos como professores universitários, IFETs (exceto professor substituto) ou pesquisadores em institutos de pesquisa ou semelhantes

### **Porcentual de egressos que participam de programas de pós-graduação**

### **Informar demais destinos relevantes dos egressos**

## **EIXO 7 - ANÁLISE DO AMBIENTE INTERNO SATISFAÇÃO INTERNA**

### **AVALIAÇÃO DISCENTE - MESTRADO**

#### **1 - DISCIPLINAS DO PROGRAMA**

Avaliar:

1. **Número:**
2. **Sequência Semestral:**
4. **Abrangência e profundidade:** Há disciplinas que são repetição da graduação.
5. **Metodologia empregada nas aulas:**
6. **Critérios de avaliação:**

#### **2 – DISSERTAÇÕES E TESES**

Avaliar:

1. **Infraestrutura e equipamentos:**

**2. Condições para a realização dos experimentos:**

**AVALIAÇÃO DISCENTE - DOUTORADO**

**1 - DISCIPLINAS DO PROGRAMA**

Avaliar:

1. Número:
2. Abrangência e profundidade:
3. Metodologia nas aulas:

**2 – DISSERTAÇÕES E TESES**

Avaliar:

1. Infraestrutura e equipamentos:
2. Condições para a realização dos experimentos:

**EIXO 8 – INFRA-ESTRUTURA**

**Relato breve das condições disponíveis**

**Houve aprovação de projetos relevantes de infraestrutura nos últimos cinco anos? Citar a fonte financiadora.**

**Pontos fortes**

**Pontos fracos**

**Metas:** Propor metas a serem alcançadas pelo programa nos próximos cinco anos. Para cada uma delas, listar os pontos fortes (viabilidade), as possíveis ameaças internas e externas a sua concretização e indicar a prioridade.

Meta	Viabilidade	Ameaças Internas	Ameaças Externas	Prioridade

## EIXO 9 - INSERÇÃO SOCIAL

**Descrever a atuação do programa quanto a sua inserção social**

**Pontos fortes**

**Pontos fracos**

**Metas** Propor metas a serem alcançadas pelo programa nos próximos cinco anos. Para cada uma delas, listar os pontos fortes (viabilidade), as possíveis ameaças internas e externas a sua concretização e indicar a prioridade.

1. Proposição de um Programa Minter
2. Novos convênios com instituições internacionais

Meta	Viabilidade	Ameaças Internas	Ameaças Externas	Prioridade (de 1 a 5)

## CONSOLIDAÇÃO DOS NOVE EIXOS

**Síntese das principais metas do programa por ordem de prioridade:**

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O SISTEMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

**Propostas do programa para o sistema de avaliação da CAPES**

**Propostas de políticas institucionais de pós-graduação com vistas ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFSM**

**Propostas para o Plano Nacional de Pós-Graduação 2011-2020 (PNPG 2011-2020)**

--

**Sugestões de ações à PRPGP para análise junto com o Comitê Assessor.**

--